PREÇO: 1.000 Rs

Nº420

A SCENA MUDA

Adeus Rugas!

3.000 dollares de premios se ellas não desapparecerem

A MULHER EM TODA A EDADE PÓDE SE REJUVENESCER E EMBELLEZAR. — É FACIL OBTER-SE A PROVA EM VOSSO PROPRIO ROSTO E EM POUCO TEMPO

Experimentae hoje mesmo o RUGOL

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneas e authenticas.

AVISO — *Depois d'esta maravilhosa descoberta innumeros imitadores teem apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre :*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve :

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio..."

Mme. Souza Valence escreve :

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Unicos cessionarios para a America do Sul : ALVIM & FREITAS, Escriptorio, Central : Rua Wenceslau Braz n. 22 - sob. — Caixa 1379 — S. PAULO.

COUPON — Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo. — Peço-lhes enviar-me pelo Correio o TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.

Nome_____

Rua_____

Cidade_____

Estado_____

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

MELHOR QUE VORONOFF É O PODER DE UM GRANDE RESTAURADOR

MARCA REGISTRADA

Velhos e velhas com resistencia de jovens. Magros com augmento de nutrição e peso. Faces rosadas sem augmento de pintura Rachiticos em franco desenvolvimento; e a cura radical dos anemicos. E' o que se consegue com o uso do

"Vinho Restaurador Cerqueira Lima"

A' venda em todas as pharmacias e drogarias de primeira ordem.

Uterosano

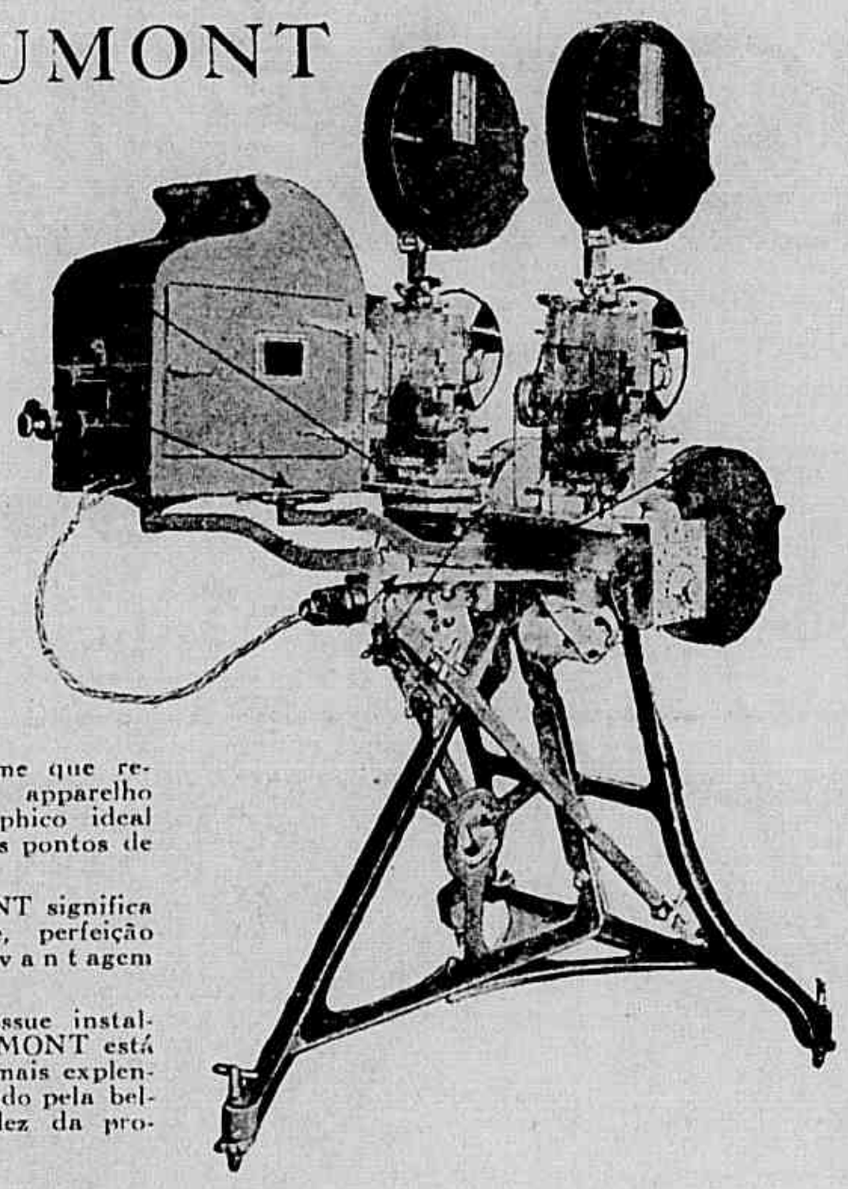
TORNA SÃO O UTERO DOENTE

REGULADOR SUPREMO DAS FUNCÇÕES UTERO-OVARIANAS

REGULADOR FONTOURA

O GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS PARA COMBATER AS CAUSAS QUE ALTERAM O SEU ESTADO DE SAUDE E PARA ELIMINAR OS DISTURBIOS NERVOSOS AS CRISES DOLOROSAS E A CONSEQUENTE DECADENCIA PHYSICA

GAUMONT



E' o nome que representa o apparelho cinematographico ideal sob todos os pontos de vista.

GAUMONT significa durabilidade, perfeição economia, vantagem absoluta.

Quem possue installação GAUMONT está seguro do mais explendido resultado pela belleza e nitidez da projecção.

Não deixem de adquiril-o o mais rapido possivel.

Peçam informações e catalogos á casa mais antiga no genero.

MARC FERREZ FILHOS

RUA DA QUITANDA 21 — CAIXA POSTAL 237

RIO DE JANEIRO

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N.º 420 — 4º. DO ANNO IX

11 de Abril de 1929

Novidades na tela — John Gilbert, Mary Nolan e Jenny Jago 5

Tarzan, o poderoso — (Natalie Kingston, Frank Merrill, Lorimer Johnson, Al Ferguson e Bobbie Nelson) 6

Horas prohibidas—(Ramon Novarro, Renée Adorée, Dorothy Cummings, Edward Connelly, Roy D'arcy e Mitzi Cummings) 7

Ridi, Pagliaccio — (Lon Chaney, Loretta Young, Nils Asther, Gwen Lee, Bernard Siegel e Cissy Fitzgerald) 9

O marchante — (Jack Mulhall, Greta Nissen, Sam Hardy, William Demarest e Gertrude Astor) 12

As ferias de Clara — (Clara Bow, Neil Hamilton e Harrison Ford) 16

O triumpho — (Chester Conklin, Alice White, Bodil Rosing e Sam Hardy) 20

O homem que ri — (Conrad Weidt, Marie Philbin, Olga Baclanova, George Siegman, Sam De Grasse, Stuar Holmes e Cesare Gravina) .. 23

O pharoleiro do Hudson — (Olive Borden, Ralph Emerson, Duke Martin, Nelly Bryden e Helen Marlowe 26

Rei da sella — (Hoot Gibson, Georgia Hale, Frank Hagney, Wm. H. Strauss, Harry Todd e Tom Lingham) 28

Os que vivem no écran — (Miss Clara Bow, da Paramount) 14

Aileen Pringle e Norman Kerry, da *Metro* 15

Ivan Petrovitch e Alice Terry, da *Metro-Goldwyn-Mayer* 18

Nancy Carrol e Richard Arlen, da *Paramount* 22

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELICIDADE.

Guiando-me pela data do nascimento de cada pessôa, descobrirei o modo seguro pelo qual, com as minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos para enviar-lhe GAATIS

"O SEGREDO DA FORTUNA".

Remetta este aviso. — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369. Buenos Aires — Republica Argentina. — Cite-se esta Revista.

DOR

GRIPPE - RESFRIADOS
COLICAS UTERINAS
ENXAQUECAS

Guaraina

Tubos e enveloppes

LAB. NUTROTHERAPICO - RIO

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS Á

PERFUMARIA LOPES

RIO - Pça TIRADENTES, 34-36 e 38
RIO - RUA URUGUAYANA, 44
RIO - AV. RIO BRANCO. 134
S. PAULO - R. Stº ANDRÉ, 20

O HOMEM QUE RI...

Uma super-producção da Universal

Uma rajada de paixões!

Adaptação á tela do romance celebre do immortal VICTOR HUGO

Protagonistas

MARY PHILBIN — CONRAD VEIDT

—— OLGA BACLANOVA ——

Um super-film que vae fazer epoca!

Estreará em 15 de Abril no

PATHE'-PALACE

A SCENA MUDA

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

PRAÇA OLAVO BILAC 12 E RUA BUENOS AIRES 103

SOCIEDADE ANONYMA

ENDEREÇO TELEGRAPHICO : REVISTA

CORRESPONDENCIA DIRIGIDA A AURELIANO MACHADO DIRECTOR GERENTE

Telephone : Directoria, N 112 — Redacção e Administração N 3660

Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1929 | N. 420 — 4.º do 9.º Anno

SCENA MUDA

PORTE SIMPLES BRASIL

Um anno..... 48$000
½ » ..... 25$000

REGISTRADO

Um anno..... 69$000
½ » ..... 35$000
Num. avulso... 1$000
» atrazado.. 1$500

ESTRANGEIRO

PORTE SIMPLES

Um anno..... 64$000
½ » ..... 33$000

REGISTRADO

Um anno..... 94$000
½ » ..... 48$000

BIBLIOTECA CINEMATECA BRASILEIRA

NOVIDADES NA TELA

ALEM de violinista, Yascha Heifetz provou ser grande feminista... e philosopho, alem de tudo. Esses novos aspectos do afamado artista nos foram revelados por occasião de seu recente matrimonio com a formosa Florence Vidor.

"Nem Florence, nem eu, queremos, que o matrimonio interrompa nossas carreiras artisticas e o amor sacrifique nosso futuro.

E' triste, sem duvida, vivermos separados quasi meio anno, porem quando voltarmos a nos reunir, depois d'essa ausencia, seremos mais felizes".

Parece-nos curioso o facto do violinista não exigir, como occorre com o commum dos homens, que a esposa sacrifique sua carreira artistica para viver dedicada ao lar, assistindo aos triumphos... ou revezes do marido.

Parece-nos ainda melhor, que tambem elle não se sacrifique, como egualmente acontece entre algumas creaturas excessivamente feministas, que vivem á custa da esposa-artista. Nem elle quer ser o marido da artista nem ella a esposa do violinista celebre. No caso em apreço *cada um* deseja ser *Cada Um*...

Até esse ponto, o conceito do feminismo do violinista nos parece excellente; porem o que não nos parece acertado é seu conceito da vida. Em philosophia não consegue convencernos...

Convem entretanto recordar que, se a separação for muito dura de supportar, o violinista levará, em suas excursões artisticas, uma pequena machina de projecções e varios *films* em que Florence brilhe gloriosamente. E, por seu lado, Florence terá sempre a seu alcance um gramophone com muitos discos em que os sons maravilhosos arrancados por Yasha a algum *stradivarius* sejam nitidamente reproduzidos. A arte os unirá... — como disse o artista.

Na verdade, ha quem se contente com pouco...

John Gilbert e Mary Nolan a nova estrella da *Metro*. Era já figura de destaque na Ziegfeld Follies, quando entrou para o cinematographo. Abandonou seu verdadeiro nome — Imogene Wilson julgado pouco euphonico pela secção de publicidade.

Jenny Jago, a nova estrella da *Ufa*.

Este numero consta de 36 paginas.

Black impressionava aquelles entes de alma primitiva com cerimonias de pretensa magia.

TARZAN, O PODEROSO

Novella de *Arthur B. Reeve*

Cinematographada pela UNIVERSAL, *com a seguinte*

DISTRIBUIÇÃO

Marie Trevor — NATALIE KINGSTON
Tarzan — FRANK MERRILL
Lord Graystroke — *Lorimer Johnson*
Black Jack — *Al Ferguson*
Bobbie Trevor — *Bobbie Nelson*

♣

— Danse!

A moça, uma loura, de estonteante belleza, busto cheio, delicado, com formas primorosas, tendo por todo vestuario uma pelle de leopardo, recuára perante o olhar e a voz ameaçadora do homem, que de branco se tornára escuro, no processo de retroceder ao estado primitivo, distante muitas centenas de milhas dos centros civilizados.

— Ordeno que danse! — rugiu Black John entre seus dentes de féra.

Os olhos da moça, de um azul mais intenso do que qualquer dos lagos do Continente Negro, relanceou rapidamente a vista para a direita. D'esse lado estendia-se a selva, fervilhando de sêres bravios, fascinantes, mysteriosos em sua luta intensa, impiedosa e incessante pelo predominio do mais forte. Era bello, porem cruel.

Com outro olhar veloz para a esquerda, descortinou o trecho conquistado pelo homem á natureza. Mary Trevor via as choupanas e a cabana, para onde ella e o seu irmãsinho Bobbie haviam sido carregados como unicos sobreviventes do naufragio do vapor *Empress*, pelo pirata Black John.

Formados em um grande semicirculo em frente ás choupanas, estavam sentados os indigenas pretos, tendo em uma extremidade seu patriarcha e na outra os musicos com seus tambores exoticos, feitos de troncos furados, cobertos com pelles de cabra bem esticadas.

Aguardavam a invocação, que Black John se propunha a fazer dos deuses das mattas incultas, pois pretendia que, em sua qualidade de branco, tinha poderes de feiticeiro.

— Danse!

A moça ergueu os olhos para o céu, a quem dirigiu uma prece. Por cima de sua cabeça, entrelaçavam-se as trepadeiras e cipós tropicaes, formando uma formosa cupola verdejante. Tudo na natureza era bello, sómente o homem era vil.

Black John segurava os pulsos de Mary, que apertava cruelmente.

— Danse! Danse nesta cerimonia, que representa uma praga rogada contra Tarzan! E não se esqueça de que a proxima ceri-

Ao lado: Black Jack começou por tentar dominal-a pela persuasão

O idyllio entretanto continuou.

Horas prohibidas

Film da *Metro* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

S. M. Miguel IV — Ramon Novarro
Marie de Floriét — Rene'e Adorée
A rainha Alexia — Dorothy Cumming
O primeiro ministro — Edward Connelly
O duque Nickey — Roy d'Arcy
Princeza Ena — Mitzi Cummings

Sem saber o que elle era, Marie repelliu violentamente seus galanteios.

Horas prohibidas... Quaes serão as horas prohibidas de um rei, um jovem monarcha, cuja mocidade tem sido toda vivida na gaiola dourada de um grande palacio, onde scintillam mil crystaes, onde tudo é fausto, tudo é ouro, tudo flôres, tudo brilho... — mas onde não ha a graça do sorriso de uma mulher para seu coração, para sua alma!

As horas prohibidas para um jovem monarcha assim, como S. M. Miguel IV, de que trata este romance, só podem ser, portanto, as horas em que seu espirito experimenta qualquer emoção differente das da sua vida palaciana, toda de tedio e desinteresse. Tal como o momento em que elle conheceu Marie de Floriet, uma encantadora senhorita franceza, que se achava em visita ao reino da Balanka, aquelle pequenissimo e risonho paiz, de que era imperante Miguel IV.

Sua mais deliciosa hora prohibida, foi quando elle, attrahido pela belleza ingenua e encantadora de Marie de Floriet, seguiu-a pelos corredores do palacio de seu tio; e ella, não desgostando do assedio d'aquelle rapaz tão sympathico, mas no seu papel, deu-lhe uma bofetada, chamando-o de atrevido.

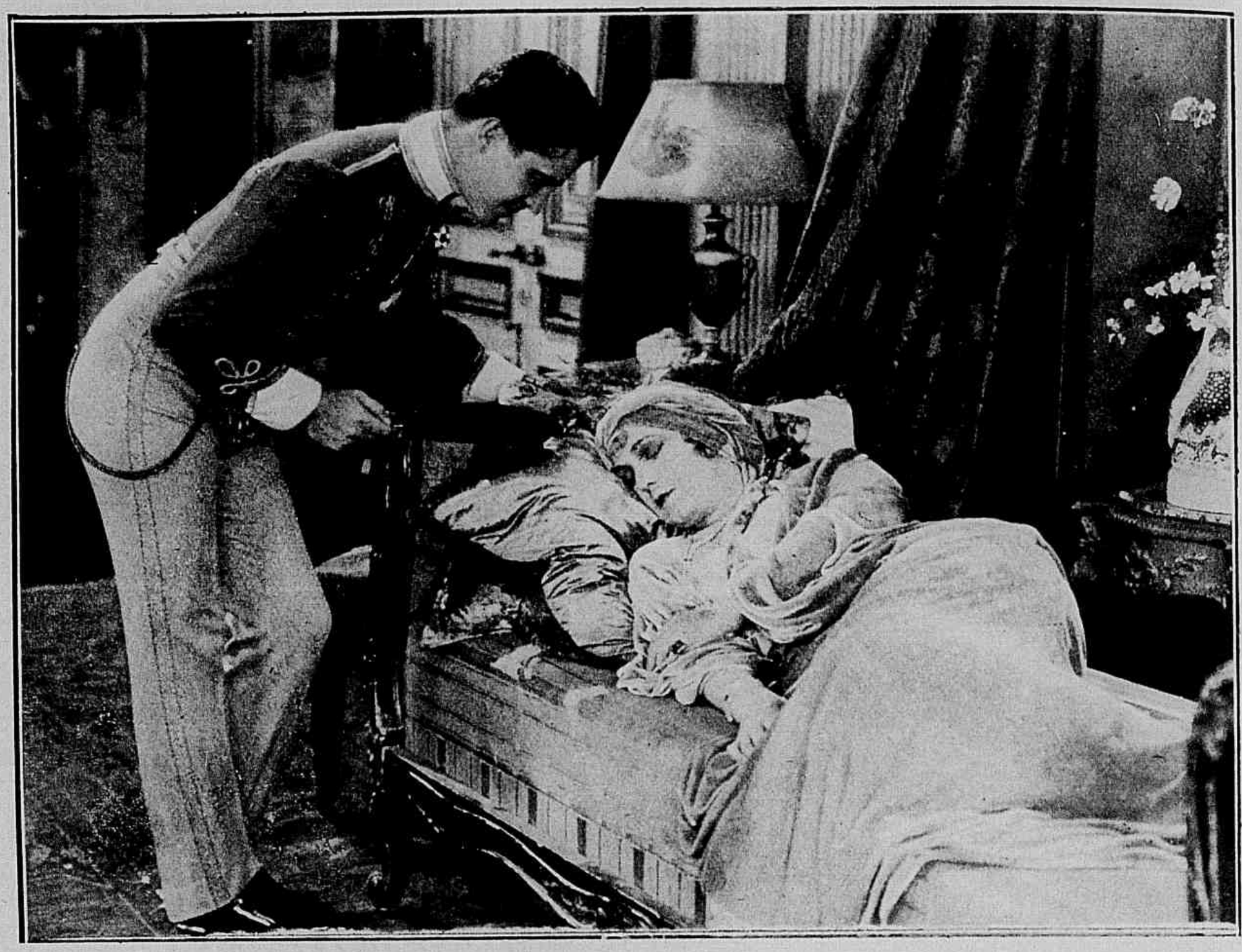
E ella, ignorar que elle era o rei! Que cousa explendida para elle, que já está farto de ser soberano.

Mas eis, que o tio de Marie de Floriet, que aliás era o primeiro ministro da côrte, adianta-se para Miguel IV e trata-o de Majestade!

Dando o desconto da perfidia feminina, Miguel continuava a amal-a.

O idyllio, entretanto, continuou. Mas Marie de Floriet era altiva e percebendo, que estava sendo todo o objecto dos pensamentos do rei, mostrava-se indifferente. Se apparecia em scena opresumpçosoduque Nickey, primo de Miguel IV, Marie de Floriet fingia esquecer seu real apaixonado e era toda attenções para o duque.

Miguel IV, entretanto, percebia, que aquillo era simples perfidia de mulher, simples manifestação d'esse prazer estranho e máu, que as mulheres gostam de experimentar, mostrando indifferença pelo que



Sua noiva!... Se elle ousasse dizer-lhe toda a verdade!...

Nesse dia a princeza Ena resolveu fallar-lhe com franqueza.

— Que veiu você fazer aqui ? — perguntou o rei.

Para enciumar seu apaixonado, Marie era toda attenções para com o duque.

mais as seduz; e por isso, mais do que nunca, Miguel IV não perdia opportunidade de retirar seu primo de campo e assediar Marie de Floriet com suas encantadoras palavras de amor.

O namoro, entretanto, chegou ao conhecimento da côrte e especialmente de Sua Majestade a rainha Alexia, mãi viuva do rei.

Como sóe acontecer sempre, num caso d'esses, o rei foi chamado a um grupo de circumspectos senhores da côrte, reunidos em torno da figura majestosa da rainha mãi e sciente de que, para a segurança do reino e feliz continuação dos bons actos de sua regencia, seria de todo necessario, que Sua Majestade visse não lhe ficar bem nem lhe ser possivel proseguir em seus amores com Marie de Floriet, por não ser aquella senhorita pertencente a nenhuma familia real...

Sempre acontece isso. As scenas, que são armadas para tolher á mocidade seus impulsos incoerciveis, são sempre as mesmas; mas a mocidade é o vigor do sangue novo, é o canto perenne da alegria de viver, é a rebeldia feita razão... e nada adiantaram as severas palavras dos senhores ministros da côrte do reino da Balanka. Miguel IV não podia

Agora, junto d'elle, Marie comprehendia que o amava.

esquecer Marie de Floriet e esta, percebendo, afinal, que o amava seriamente, viu com tristeza o desfecho infeliz, que teria aquelle romance.

Decidiu, pois, sacrificar-se pela felicidade de Miguel IV. Não a assediava o duque Nickey, ainda com os seus juramentos de amor? Pois ella procuraria convencer Miguel IV de que seu amor era todo do duque.

De combinação com seu tio e de connivencia com o proprio duque, que esperava tirar d'isso o melhor partido, Marie de Floriet foi para um hotel, onde depois se encontraria com o duque, providenciando para que o jovem rei fosse avisado da presença de ambos alli.

Uma vez sciente d'isso, Miguel foi para lá, em desespero; e, ao vêr Marie em colloquio com o duque, foi immensa sua magua e, ao mesmo tempo, sua revolta.

Em um momento, intimou o duque a se retirar e, agarrando, colerico, Marie de Floriet, atirou-a á sanha dos militares, que, na ante-camara, embriagados, divertiam-se numa festa orgiaca.

E eil-o que abandona o hotel, de volta ao palacio. Seu cerebro está num turbilhão de pensamen-

(Continúa na pag. 34)

Aquella scena commovente, curava-o para sempre de sua louca paixão.

RIDI PAGLIACCIO

Film da Metro com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Tito — Lon Chaney
Simonetta — Loretta Young
Luigi — Nils Ashter
Lucretia — Gwen Lee
Simon — Bernard Siegel
Giacinta — Cissy Fitzgerald

Com os primeiros fulgores da primavera, na romantica e seductora Italia, vem a grande alegria dos camponezes — o circo ambulante.

E' de ver-se a alegria, que anima o semblante dos trabalhadores do campo, á chegada do barulhento carro do circo nomade, com o classico palhaço annunciando o espectaculo da noite e o bombo a reboar, assanhando o enthusiasmo de todos aquelles espiritos ingenuos e simples.

Foi assim que, uma vez, ha muitos annos, Tito chegou a uma localidade italiana, sua patria.

Logo ao chegar, sentiu que alguma cousa fóra do commum lhe aconteceria naquella terra; e á hora de se recolher para descansar dos ensaios d'aquelle dia, quando com seu companheiro Simon procedia á arrumação de seu material, ouviu vagidos de creança, proximo de onde estava.

Minutos depois, encontrava deitada na relva, chorando, uma linda creança. Provavelmente, o fruto de algum amor prohibido, abandonado pela mãi em desespero.

O dia fôra feliz para Tito, não havia duvida. Apezar da opinião de Simon em contrario, elle se tornára pai naquelle dia.

Simonetta — fôra assim, que elle baptisára a creança, para demover Simon do seu proposito de não

(Continúa na pag. 31).

Entre Tito e Lucrecia, Simonetta vivia feliz e tranquilla.

Um interventor inesperado.

O MARCHANTE

Conto de *George S. Kaufman*

Cinematographado pela *First National* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Peter Jones — JACK MULHALL
Mary Martin — GRETA NISSEN
Joe Lehman — SAM HARDY
Jack McLure — *William Demarest*
Fanny Lehman — GERTRUDE ASTOR

O rapaz vivia em companhia de sua avó, occupado dia e noite na direcção do hotel, que ambos mantinham de ha muitos annos, na cidadesinha de Trenton. E parecia viver feliz; mas quando alguma companhia theatral visitava o logarejo e se hospedava no hotel, Peter Jones sentia-se alvoroçado e não podia reprimir seu desejo de se tornar, um dia, tambem um grande emprezario.

Mas comprehendia, que isso era cousa que só poderia ser feita com exito em New York, não em Trenton, uma pequena aldeia, onde o campo era pequeno para isso.

Por isso, um bello dia, sua bondosa avosinha hypothecou o tradicional hotel, apenas para poder dar ao neto querido doze mil dollares, com os quaes elle procuraria realizar suas ambições em New-York.

Logo de chegada, o rapaz foi roubado na mala de viagem. Bom signal. Esse é o sello da cidadania da terra da estatua da Liberdade... Depois d'isso, cahiu no escriptorio de dous "aguias", dous senhores emprezarios arruinados e associados no interesse de uma peça, cujo exito era muito duvidoso.

Mas como estivessem justamente em busca de quem pudesse entrar com o dinheiro para a montagem do tal *Amor Flammejante* e as respectivas carteiras estivessem vasias, aconteceu, que

Tão satisfeito estava Jones, que se prestou a servir de escrivaninha para a assignatura do novo contracto.

O desenlace feliz.

O senhor desculpe, mas o espectaculo já acabou.

Peter Jones não sahiu do "office" sem assignar um cheque de dez mil dollares; mas isso depois de ficar bem convencido de que não estava fazendo tolice, não só porque os socios Joe Lehman e Mac Lure quasi representaram a peça toda, alli mesmo, no escriptorio, como houve a intervenção da encantadora actriz Mary Martin, por quem Peter, num instante, ficou apaixonado...

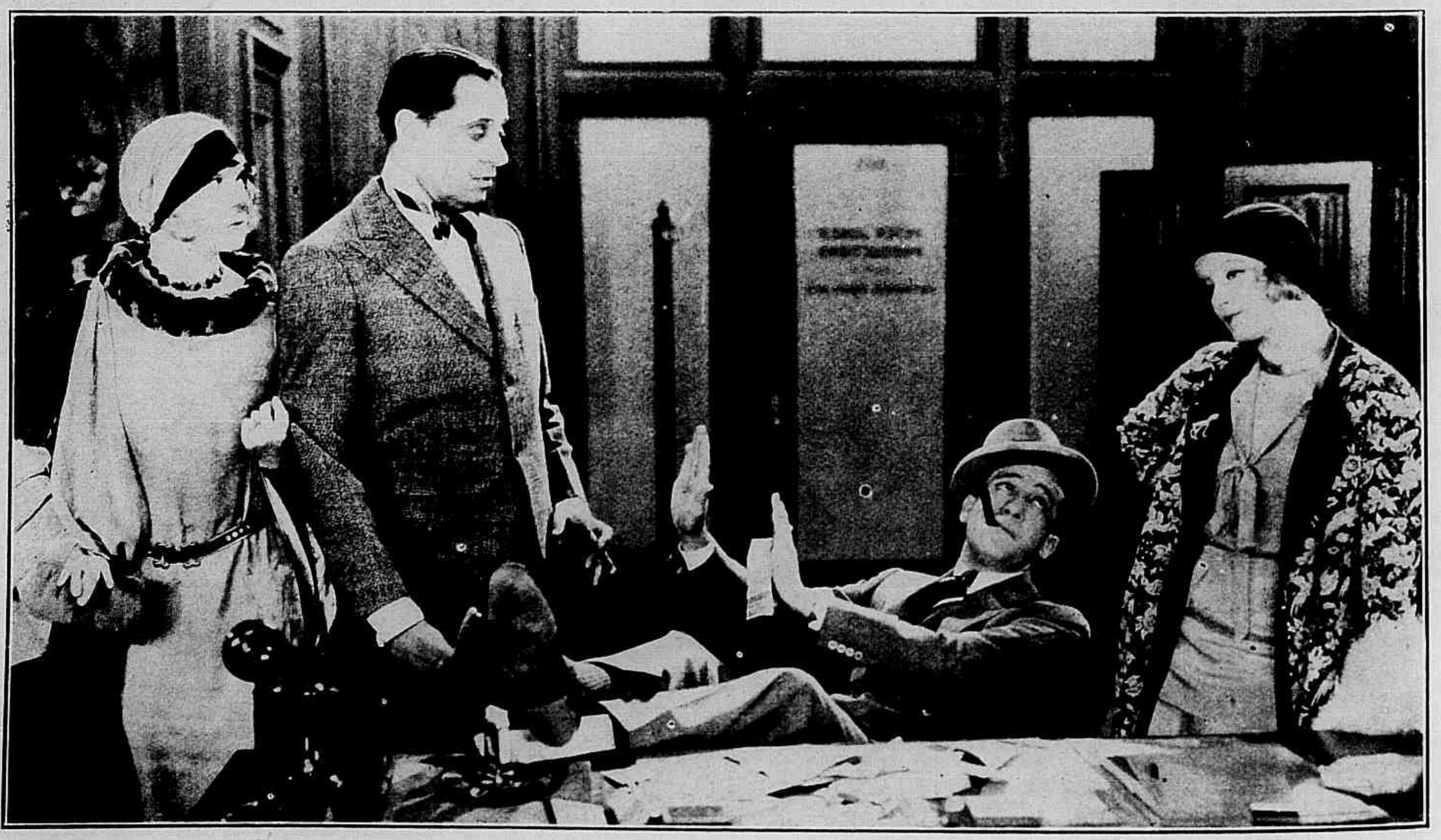
Mary Martin, não obstante ter os seus vencimentos em atrazo, porque os dous emprezarios deviam a todo o mundo, decidiu empregar o melhor de seus esforços no desempenho da peça *Amor Flammejante*, como traducção de seu affecto por Peter Jones.

No dia da estréa, apezar do máu agouro da mulher de Joe Lehman, que tinha a mania de ser "estrella" da companhia, o theatro se encheu completamente. O enredo, porem, era tão tolo, tão ridiculo, que ao fim do primeiro acto, a platéa estava reduzida á terça parte; ao fim do segundo, á metade e ao fim do terceiro... á meia duzia de espectadores, apenas!

Joe e Mac-Lure quasi arrancavam os cabellos, desapontados. Peter Jones, entretanto, nos bastidores, embevecido com os encantos da gentilissima Mary Martin, nada percebera do que se passára, e como apenas havia visto, antes do começo do espectaculo, o exito da bilheteria, estava delirante de alegria, enthusiasmado e já passára uma porção de telegrammas a vovó, scientificando-a de sua sorte.

Depois, porem, na ceia com que elle commemoraria o exito, que não se realisára, os dous socios como não precisassem mais de seu auxilio, passaram a tratal-o mal, dizendo-lhe desaforos e insultando, até, Mary Martin.

A essa altura, Peter não se



Certo de que sahiria da contenda, victorioso, Jones tomou ares displicentes.

Jones estava tão embevecido, que nem viu o vigia do theatro.

conteve e respondeu aos dous homens, para que elles sahissem do campo, compraria o resto dos interesses da peça. E por mais mil e quatrocentos dollares, porque os dous estavam com a corda no pescoço, Peter Jones tornou-se o unico emprezario.

A peça, entretanto, fôra um fracasso. Que fazer? E' Mary Martin quem tem uma feliz ideia; transformariam a peça. Era um drama ridiculo? Pois elles dariam á peça a feição de uma comedia disparatada!

E assim, na noite seguinte, um theatro de Broadway annunciava uma nova edição "differente e augmentada" do *Amor Flammejante*.

O exito foi completo, estupendo! Peter Jones e Mary Martin nadavam num lago de felicidade.

(Cont. na pag. 32).

Então o senhor recusa ceder seus direitos sobre a peça? — Perguntou ainda Lehman.

OS QUE VIVEM NO ÉCRAN

Constance Talmadge falla do tempo em que era muito pobre

E' preciso ter sido pobre para saber gozar a riqueza. E, mesmo sendo rico, é necessario voltar a recordar a vida simples. Assim, um dos maiores prazeres meu e de minha irmã Norma é ir passar alguns dias, sem criados, na pequena "villa", que Norma possue em Santa Monica. E' um verdadeiro... repouso (!), sahir d'essa vida de conforto — incommodo, da babelica Hollywood. Nessa casa de campo nós mesmos attendemos a todos os affazeres domesticos, até a cozinha; e Norma exulta ante o "ragout" de carneiro, que ella mesma preparou. Eu... descasco as batatas e as cebolas.

Affirmo-lhes, que é uma alegria poder esquecer o luxo e a vida mundana, vivendo do modo mais simples. E' verdade, que adoro a dansa, o theatro... Seria hypocrisia de minha parte, negar que a vida agitada, as côres, os movimentos e as excitações espirituaes da vida civilizada me agradam; porem essas cousas não são sufficientes para encher uma existencia.

Aprendi, durante minha infancia, que o prazer é uma questão de contrastes e que para saber apreciar realmente um *Rolls Royce* é preciso que se tenha viajado muito tempo em bonds e auto-omnibus, antes de ter podido comprar um *Ford*.

Se rio, agora, é porque em minha infancia tive que verter muitas lagrymas. Então, uma guloseima era para mim muito mais do que hoje possa ser uma brilhante festa, em um hotel de luxo.

Meu Deus! Que pobreza era a nossa! E o que soffremos para poder sahir d'essa miseria. Eramos forçadas a acceitar todos os trabalhos, que appareciam.

Por exemplo, vi Norma, nos principios de sua carreira desempenhar pela manhã o papel de protagonista de um film muito longo e depois do meio-dia, figurar em outro film. Um dia tive que me apresentar ante a camara disfarçada de preta, para ganhar uns magros dollars... Infelizmente, não estava acostumada á *maquillage* e, apressada, por que a voz do ensaiador se elevava cada mais para chamar á scena as "escravas pretas", que iam ser vendidas em leilão, esqueci-me de pintar o pescoço e as orelhas... Depois que tudo terminou, notaram que eu apparecia com listas, como a pelle de um leopardo. O director, se pudesse, me mataria, tão enraivecido ficou. Naquelles tempos era prohibido gastar muita celluloide e, por isso, a scena foi exhibida assim mesmo. Desde então fitaram-me com olhares de poucos amigos.

Tanto temor tinhamos dos ensaiadores, que, um dia, eu e mais algumas "extras", estando no camarim de Anita Stewart, em companhia de Norma, ouvimos os passos de Mr. Smith, que tratava os "extras" com brutalidade: nosso primeiro impulso foi o de nos occultar, para que não nos visse. Porem immediatamente senti um arrepio no nariz e apezar de todos meus esforços, tive de espirrar. Mr. Smith nos descobriu, lançou-nos um olhar terrivel e desappareceu... Mas isso não acabou assim... Cahi em seu desagrado e as consequencias,

(Continúa na pag. 30).

Miss **CLARA BOW**, da "Paramount".

AILEEN PRINGLE e NORMAN KERRY, da "Metro".

As férias de Clara

Conto de *Elinor Glyn*

Cinematographado pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Clara O' Brien — CLARA BOW
James Gordon — NEIL HAMILTON
Turner — HARRISON FORD
Miss Witherspoon — *Lucille Powers*
Mrs. Witherspoon, — *Julia Swayne Gordon*
O secretario de Turner — *Jack Raymond*
A mãi de O' Brien — *Edythe Chapman*
O pai de O' Brien — *Guy Oliver*
Carter — *William Holden*

— E fique sabendo que, se não me obdecer, armo aqui um escandalo medonho.

Clara, a gentil *flapper* dos cabellos de fogo, é a mais viva e seductora coristasinha de um dos muitos *cabarets*, que, ao longo de Broadway, offerecem um lenitivo nocturno aos homens de dinheiro e de trabalho da vertiginosa metropole americana.

A familia de Clara é pequena, — ella, seu pai e sua mai. O pai é um humilde motorneiro e passa os dias enchendo a casa com suas rabugices. A mãi, pobre como é, não tem remedio senão tomar sobre os hombros as duras tarefas caseiras e sua vida é uma série infinita de canseiras, a que só a alegria buliçosa de Clara offerece o necessario palliativo.

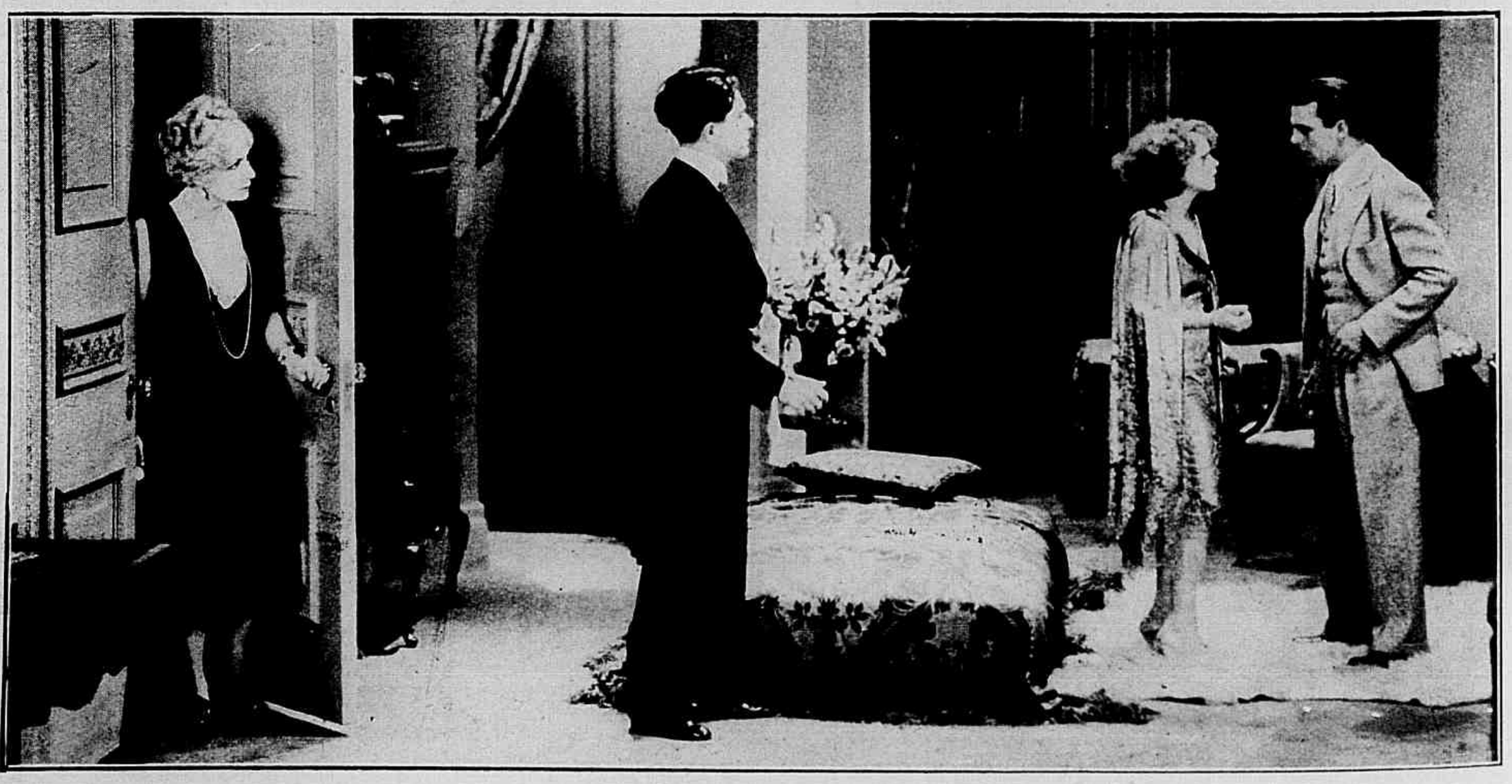
Porem nem mesmo ella consegue acabar com as rusgas domesticas entre mãi e pai; ella, irritada pelo excessivo trabalho, elle offerecendo um diversivo a suas somnecas diurnas, entremeiadas de interminaveis cachimbadas, com esses bate-boccas, que, felizmente, não alteram as relações affectivas dos dous conjuges, antes parecem um estimulo a seu bem-querer reciproco.

No *cabaret*, Clara enamora-se de James Gordon, um rapaz sympathico e muito elegante que alli encontrou certa noite.

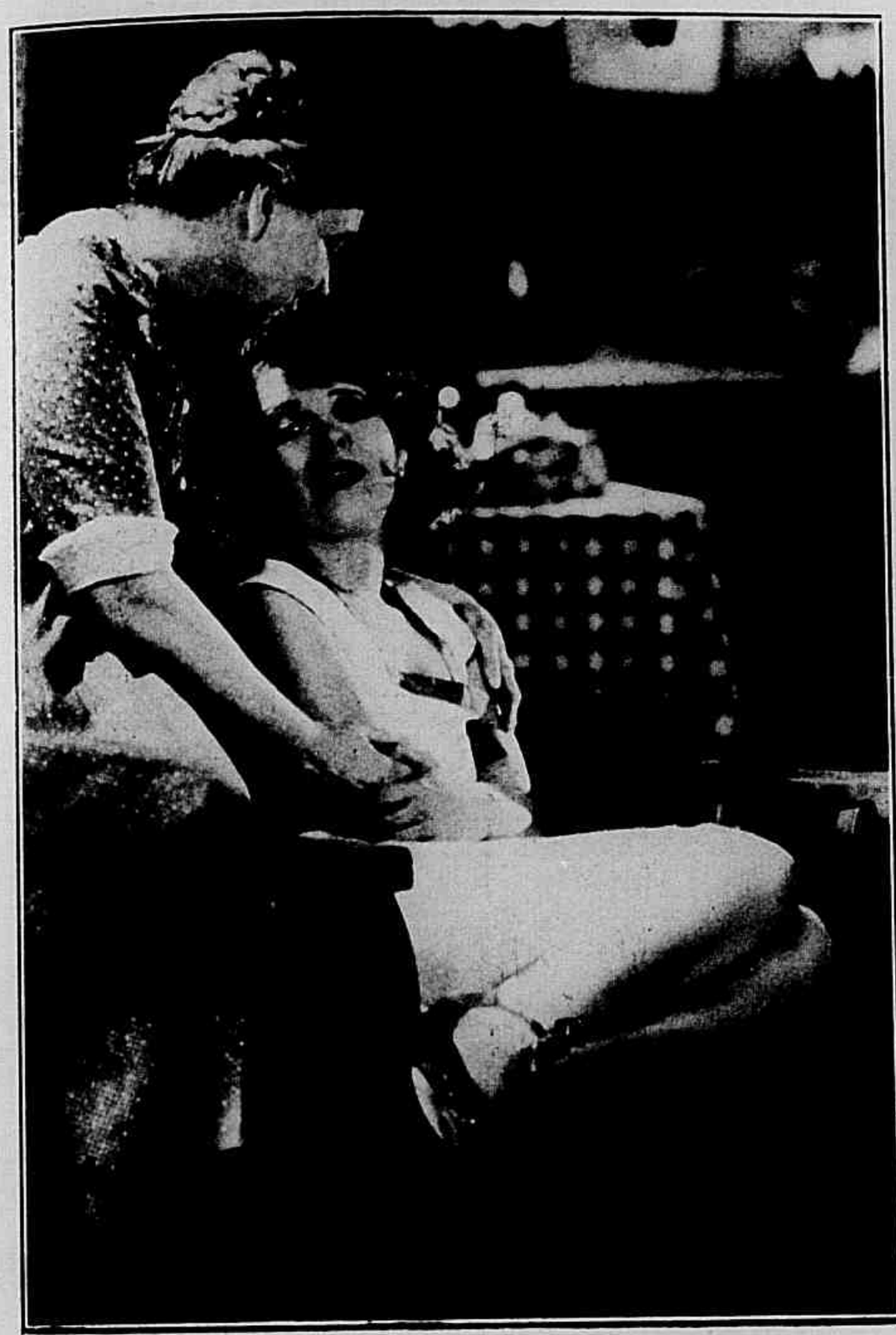
Andava Gordon nesse tempo muito preoccupado em fechar um seguro de vida com o millionario Turner, empreza em que vinha baldamente consumindo ha muitos mezes o melhor de suas energias de vontade e de intelligencia, mas nem por isso deixou de se prender pelos encantos da gentil *chorus-girl*, que tão bem sabia pôl-os em destaque, quando d'elles se soccorria para servir os impulsos do seu coração.

Mas Gordon não se deixára prender tão fortemente, que chegasse a esquecer o negocio do seguro e nelle persistia, apezar de todos os anteriores fracassos,

(Continúa na pag. 30)



A presença de Gordon veiu de novo complicar tudo.



Clara foi expandir suas maguas no coração de sua mãi.

Quando a rusga conjugal era muito forte, Clara se collocava sempre ao lado de sua mãi.

— Então o senhor pretendia enganar-me? — perguntou Clara.

Alegria campestre durante as ferias.

IVAN PETROVITCH e ALICE TERRY, da "Metro - Goldwin - Mayer".

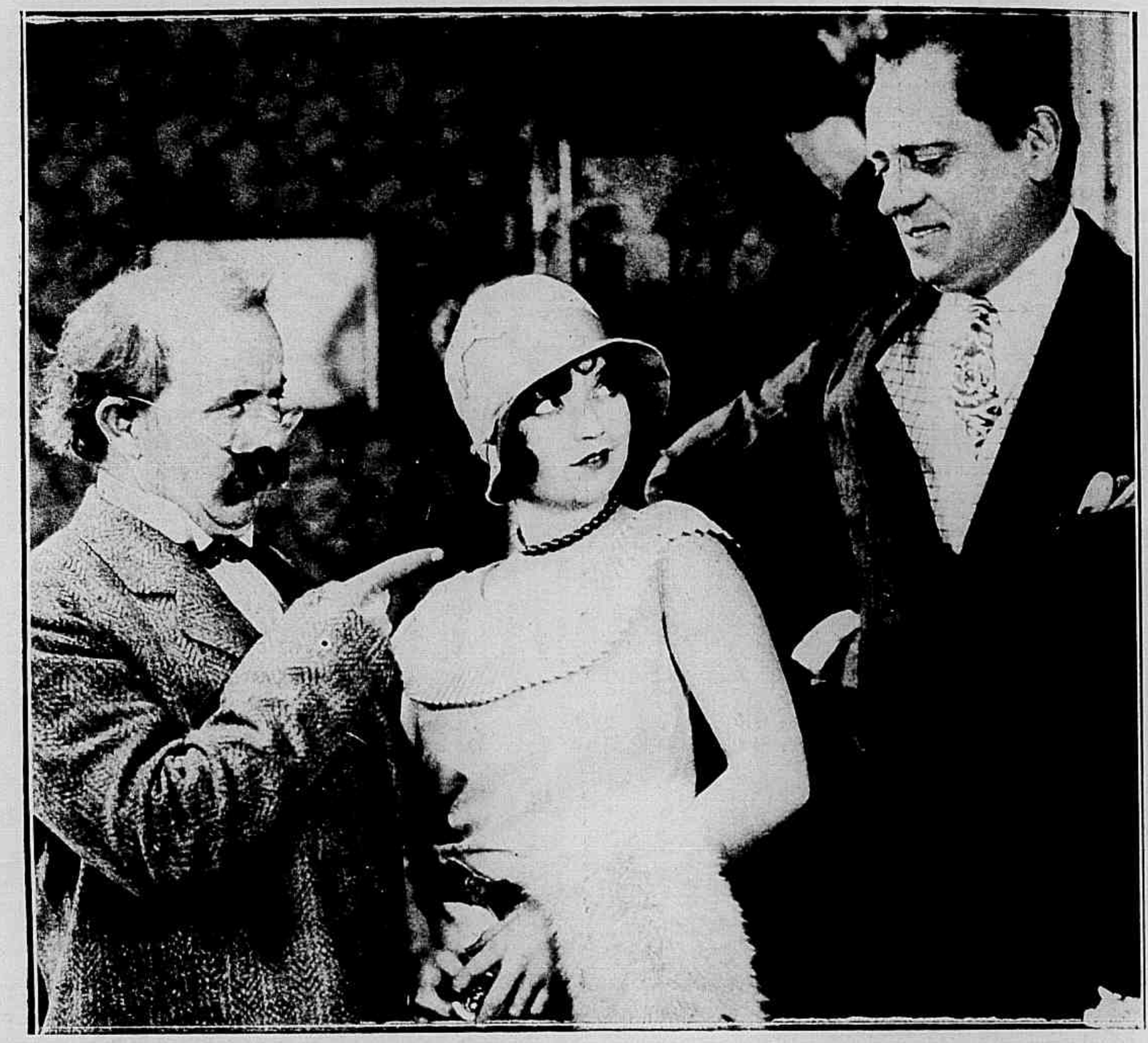
O Triumpho

Conto de *Ben Hecht*

Cinematographado pela *First National* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Thomaz Sloval — CHESTER CONKLIN
Sophia Sloval — ALICE WHITE
Mamãi Sloval — BODIL ROSING
Philip Hurd — SAM HARDY
Bill Hedges — *Jack Egan*
William Howard — *Ned Sparks*
O Editor — *David Torrance*



Mas é mesmo com a minha filha, que você quer se casar? — perguntou o velho Thomaz.

Que cidade barulhenta é New-York. Nossa Senhora!

E' apito de sirene aqui, é estrondo de descargas mais alli, é o bater enervante de centenas de martellos, buzinar de automoveis, rodar de carroças, tilintar de campainhas, badalar de sinos... Que cidade barulhenta!

Mas tudo isso, quer dizer o som forte e empolgante de uma metropole, uma capital onde tudo é trabalho, tudo é actividade, tudo é um factor de progresso. Tudo um grande barulho, uma grande confusão... menos uma das creaturas, que fazia parte da legião anonyma dos habitantes do bairro pobre, do Bowery: Thomaz Slovel, que era, quando muito, apenas um sussurro, um levissimo sussurro no meio d'aquella infernal e perenne barulheira da babylonica metropole.

Sloval era guarda da estação de "sub-way" de New-York. Tinha uma esposa cheia de enxaquecas e uma filha rebelde, Sophia, tão bonitinha quanto travessa.

— Aquelles dous parecem nos dar o exemplo disse o rapaz.

Sophia tinha, secretamente, um namorado, com esperanças de chegar a noivo, motivo porque foi difficil, um dia, o pai convencel-a de que deveria casar-se com Philip Hurd, um dos associados em varias barracas de diversões de Coney Island.

Mas vamos ao que consiste o "pivot" d'esta historia divertidissima: Tão mal passava as noites o pobre Sloval em seu quarto sem conforto, que não dormia e pelas manhãs, tendo uma trabalheira do outro mundo para pôr a filha fóra da cama, ficava, invariavelmente, de máu humor e somnolento.

Uma noite tão mal elle dormiu, que, no dia seguinte, na estação de "sub-way", quando, em seus affazeres procurava livrar o povo agglomerado da linha do trem sub-

terraneo, foi elle proprio quem lá caiu.

O ferimento, ligeirissimo, não tinha a menor importancia, mas acontece, que um jornal de New-York, que queria fazer nome e alem d'isso lançar a candidatura de William Howard para prefeito da cidade, viu na opportunidade para combater a companhia de "sub-way" uma estupenda occasião para alcançar seus fins.

Por isso, o jornal começou a fazer um barulho enorme em torno do accidente de que Sloval fôra victima.

O que elle soffrera, fôra apenas um arranhão pequenino na cabeça; mas o que o jornal publicou foi muito differente: que o homem talvez perdesse as duas pernas, que a cabeça estava em lastimavel estado e que seu corpo, quasi fôra reduzido a frangalhos! E para que o serviço fosse feito melhor, o jornal removeu Sloval do hospital publico para uma casa de saude de muito luxo, muito conforto, por onde desfilou toda a alta sociedade new-yorkina, commovida com o grande desastre de que fôra victima "o dedicado e sacrificado heróe, victima do egoismo e desleixo de uma grande Companhia, que não dedicava a menor attenção aos seus trabalhadores".

As cousas iam de vento em pôpa. Howard, o candidato, fez do accidente um cavallo

(Continúa na pag. 34).

Pensando que ausculto-phone era um alto fallante, Thomaz recomeçou a deitar discurso.

O bom Thomaz aproveitava com gozo aquelle surto de popularidade.

NANCY CARROLL e RICHARD ARLEN, da "Paramount".

O homem que ri...

Romance de *Victor Hugo*

Cinematographado pela *Universal*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Gwynplaine — CONRAD WEIDT
Déa, a céga — MARIE PHILBIN
A duqueza Josiana — OLGA BACLANOVA
A rainha Anna — *Josephine Crowell*
O Dr. Hardequanone — GEORGE SIEGMAN
Barkilphedro, o Bôbo — *Brandon Hurst*
O rei Jayme II — SAM DE GRASSE
Lord Dirry Moir — STUART HOLMES
Ursus — CESARE GRAVINA
Wapentake — *Nick de Ruiz*
O lord chefe de policia — *Edgard Norton*
O espião — *Terben Meyer*
Gwynplaine, creança — *Julio Molnar Junior*

A duqueza Josiana recebeu-o com transportes de paixão.

(Resumo da parte já publicada)

Para se vingar de lord Chancharlie, o rei Jayme II da Inglaterra mandou matal-o e entregou seu filho, ainda pequeno, aos Compra-chicos (*compra creanças*), *bando de ciganos, que de facto roubavam ou compravam creanças para transformal-as em monstros, mediante operações praticadas pelo Dr. Hardequanone, um medico sem escrupulos, mas muito habil. Mezes depois, expulsos da Inglaterra, os ciganos abandonam o menino, que se chama Gwynplaine e é recolhido por um saltimbanco chamado Ursus, em companhia de uma menina céga de nascença. Ursus cria os dous orphãos e faz d'elles actores de sua companhia. Déa, que é muito formosa, embora céga, ama Gwynplaine, porem este hesita em desposal-a, porque a operação do Dr. Hardequanone poz em seu rosto, para sempre, uma expressão de riso gargalhante e horrendo. Por isso chamam-o o* Homem que ri... *e elle tem grande exito como palhaço.*

Ursus voltou correndo ao theatro, onde Déa esperava anciosamente.

Tremulo de surpreza e de horror, Gwynplaine foi tambem conduzido á sala das torturas.

Um dia, o Dr. Hardequanone vê o Homem que ri . . . *e reconhecendo-o, manda uma carta á duqueza Josiana, uma das mais bellas e excentricas damas da côrte da rainha Anna, a nova soberana da Inglaterra. Barkilphedro, o perfido e cruel Bôbo da côrte, intercepta a carta e vê, que ella contem um pedido de dinheiro em troca de seu silencio.*

E' que, tendo sido o uso-fructo

O lord chefe de policia communicou-lhe, que tinha direito indiscutivel ao titulo e bens de lord Chancharlie.

Tranzido de pavor, o "Homem que ri" foi conduzido á sala das torturas.

da fortuna de lord Chancharlie concedido a Josiana, o medico ameaça denunciar, que existe um herdeiro directo d'essa fortuna. Barkilphedro vai levar essa carta á rainha, que, odiando a duqueza, vê logo no caso um recurso para se vingar. E começa por mandar prender o medico.

Entretanto, Josiana tendo assistido a um espectaculo do Homem

(Continúa na pag. 33).

Sem saber por que, Gwynplaine foi obrigado a asssistir á tortura do Dr. Hardequanone.

O PHAROLEIRO DO HUDSON

Film da *Tiffany Stahl* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

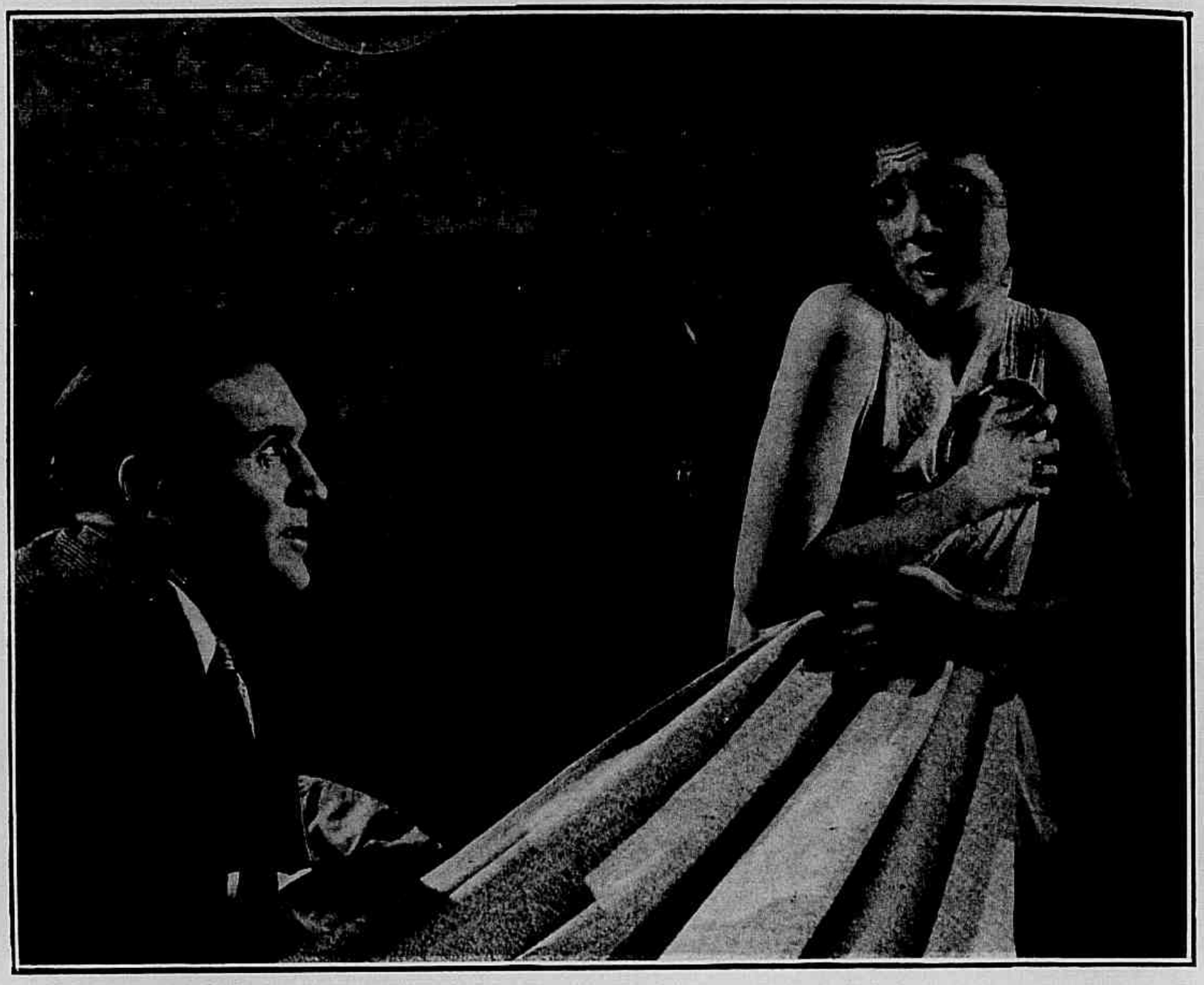
Luiza — OLIVE BORDEN
Ken — RALPH EMERSON
Steve — *Duke Martin*
A Sra. Crarie — *Nelly Bryden*
A lourinha — *Helen Marlowe*

Grandes amigos, vivendo e trabalhando juntos na companhia de barcas do rio Hudson, Ken e Steve se haviam identificado um com o outro.

Steve era o encarregado do pharol de bordo, que illuminava a rota da barca nas noites escuras, quando um mundo de gente ia alli, uns de volta do trabalho, deixando New York em procura de seus penates, outros, aproveitando o passeio para suas entrevistas amorosas. Ken auxiliava o amigo e fazia outros serviços a bordo.

No genio eram completamente differentes — pois emquanto Steve era arrogante e se blasonava de conquistar mulheres, Ken era humilde e timido. Na acção, porem, não sabemos qual dos dous poderia ser qualificado mais energico.

Uma noite a luz do pharol bateu em cheio sobre uma lancha, que passava e os dous amigos perceberam, que havia luta a bordo, luta entre uma mulher e um homem, até que ella, para fugir á perseguição do homem, atirou-se ao rio.



A despeito de todas as ameaças, Luiza tentou fugir.

Immediatamente Ken, sem hesitar, lançou-se tambem ás aguas e, em poucas braçadas, chegou até á moça, que já se afogava e trouxe-a para bordo, auxiliado pela tripulação, que fizéra arriar uma baleeira. Entretanto Steve aproveitava-se da situação e momentos depois descia á enfermaria, onde fôra recolhida a moça e se apresentava como tendo sido seu salvador. E, conversando com ella, soube que se chamava Luiza e morava em uma pensão pouco distante d'aquella em que elle e Ken tambem residiam, o que o fez resolver mudar de casa, com seu amigo, sem porem lhe dizer por que motivo o fazia.

Foi por isso que, com certo espanto, Ken foi encontrar na nova pensão aquella que elle salvára, mas depois de um passeio, que acabou em Luna Park, Luiza ficou sabendo a verdade sobre seu salvamento. E como Ken era mais sympathico do que Steve, bem depressa os dous jovens se comprehenderam e combinaram o seu casamento, o que causou grande choque a

Luiza começou a extranhar aquella exaggerada familiaridade.

Ah! — exclamou Luiza — Foi para isso, que você se fingiu doente?

Tendo já formado na mente seu plano de defeza, Luiza sorriu ironicamente.

Steve, choque duplo, visto como elle se via vencido em suas qualidades de conquistador e vencido por seu mais intimo amigo.

Agora, casados, os dous enamorados precisavam de arranjar outra casa; e Luiza fazia questão de não morarem em pensão.

O trio sahiu a vêr uma linda casa no arrabalde, que dava para o rio Hudson. Essa casa era mesmo um mimo; mas o que o proprietario pedia por ella, não estava á altura das posses de Ken.

Então Steve promptificou-se a ajudar o casal, tomando um quarto alli... Ken acceitou essa proposta de coração, porque assim não se separaria de seu amigo; mas o mesmo não aconteceu a Luiza, que preferia morar sósinha com seu marido, tendo, como tinha, certo receio de Steve, tanto mais quanto elle estava tomando apparencias de lutador.

E tinha razão em seus receios. Steve não planejava outra cousa senão apossar-se da esposa do amigo, fiado em seus dotes de grande conquistador.

Uma noite, na hora de irem trabalhar, elle simulou um mal-estar... Luiza comprehendeu sua intenção e conseguiu, que o marido nessa noite a levasse a bordo, em passeio.

O máu amigo viu assim gorado seu plano, mas jurou, que havia de se sahir bem em outro.

Passados poucos dias Steve e Ken sahiram para o emprego. Mas quando iam entrar a bordo, de novo Steve inventou aquelle mal estar, que lhe atacava subitamente o coração... Ken fel-o voltar para casa e Luiza ficou aterrada com a sua volta.

A principio elle se fingiu realmente doente e ella, a tremer, foi-lhe preparar um chá. Porem elle foi ter á cozinha, passado alguns instantes e então todo seu instincto bestial fel-o esquecer a doença, diante d'aquella creaturinha linda, que escapára a suas mãos

(Continúa na pag. 33)

— Cale-se... do contrario não respondo pelo que possa acontecer — disse Steve.

O rei da sella

Film da *Universal* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Dennis O' Hara — HOOT GIBSON
Jessica Silverberg — GEORGIA HALE
J. Francis Jackson — *Frank Hagney*
Simão Silverberg — *Wm. H. Strauss*
Jones — *Harry Todd*
O delegado — *Tom Lingham*

Irlandez de descendencia, nosso Dennis O' Hara habitava as montanhas de Utah. E foi em Jacksonville, com seu admiravel cavallo *Companheiro*, que elle, concorrendo ás corridas annuaes, obteve o primeiro premio, derrotando J. Francis Jackson, que era alli uma especie de dono da terra.

E Dennis já tinha levantado acampamento, estando a alguns kilometros da povoação, quando encontrou a linda Jessica Silverberg e seu pai, o velho Simão, que tinham passado um máu quarto de hora, expulsos de Jacksonville pelo pessoal de Jackson.

Dennis, que já estava seduzido pelos lindos olhos de Jessica, achou que aquillo fôra um desafôro e regressou á cidade em companhia do velho e da filha, obrigando todo aquelle pessoal valente a comprar as mercadorias e bugigangas, que Simão vendia.

Para dar nova coragem a seu heroe.

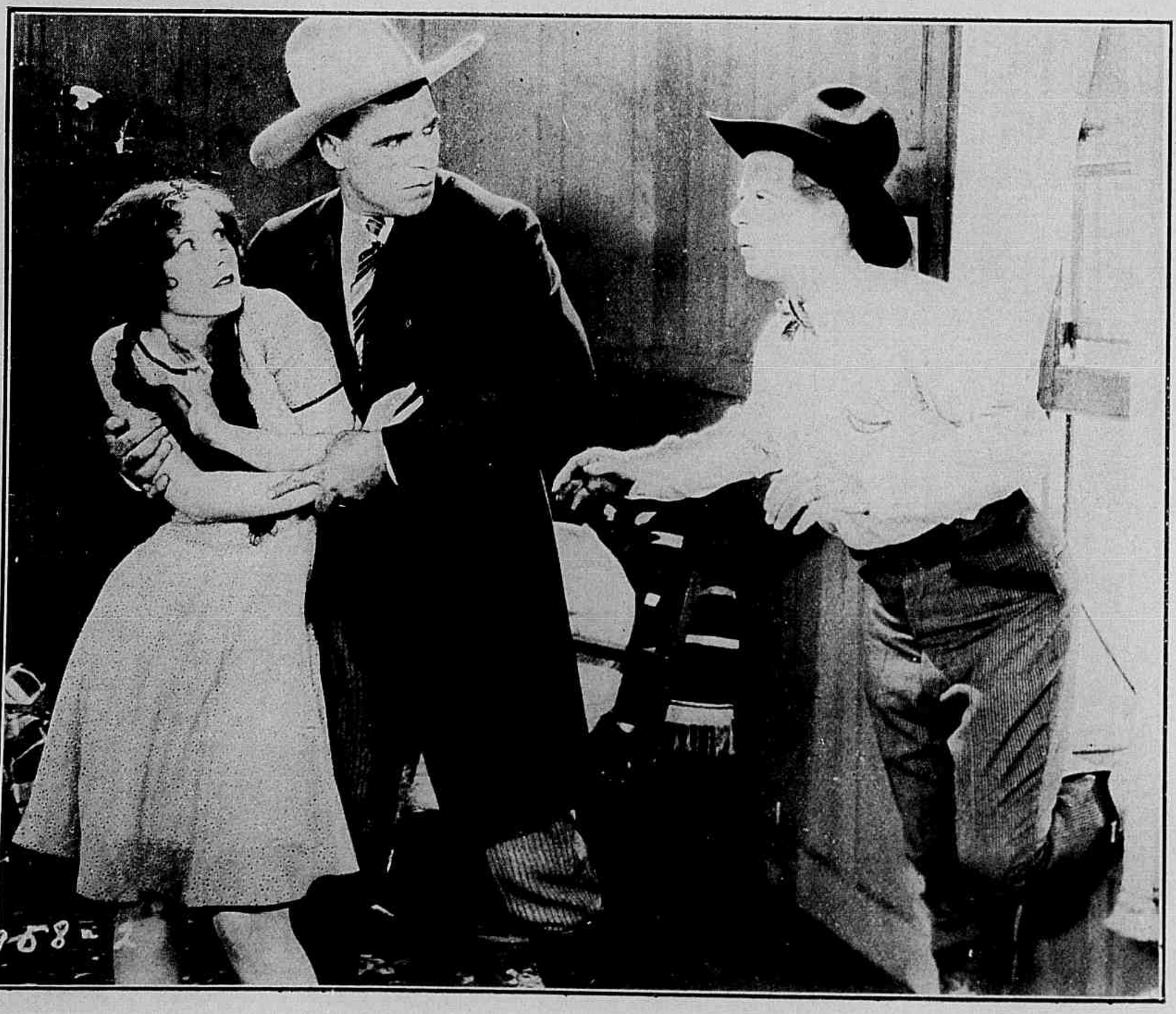
Ora, Jackson desde o dia em que vira Dennis ganhar a corrida, desejava possuir *Companheiro* e, como seu dono não estivesse disposto a vendel-o, attrahiu o rapaz a um jogo roubado, no qual Dennis perdeu e assim o cavallo deixou de ser seu.

O sonho dourado de Dennis era agora arranjar recursos para rehaver *Companheiro*. Para isso tornou-se empregado de Jackson e foi juntando suas economias.

Quando faltavam apenas alguns dollares para completar a quantia, vendeu o relogio e foi propor a Jackson, que lhe restituisse o cavallo.

Jackson recusou fazel-o; então para impedir, que o miseravel montasse *Companheiro* nas proximas corridas, Dennis fugiu com o animal, exactamente no momento em que o mesmo Jackson procurava Simão, propondo-lhe uma aposta. O velho não a acceitou nas condicções em que Jackson a estabelecera e propoz o seguinte: o que perdesse, isso sim, deveria deixar Jacksonville para sempre.

Tanta certeza tinha Jackson da victoria, fiado na velocidade de



Vendo o miseravel segurar sua amada, Dennis perdeu a cabeça.

D'esta vez o infame Jackson recebera a lição, que merecia.

O velho Simão approvou jubiloso aquelle accordo.

— Vai... serás o vencedor — disse Jessica.

Companheiro, que acceitou essas condicções.

Dennis voltou á cidade. Jackson exigiu que o delegado o prendesse como ladrão de cavallos, o que a autoridade não fez, acceitando a fiança de mil dollares feita por Simão em favor do accusado, que ficava com o direito, emquanto a justiça não resolvesse o caso, de montar *Companheiro*, tomando parte nas corridas.

Effectuou-se a prova e, depois de varias peripecias interessantissimas, Dennis ganhou-a.

Jackson allegou, que quem obtivera a victoria fôra um animal, que lhe pertencia, ganhando elle, portanto, a aposta, mas a chicana não pegou e elle teve mesmo de deixar a cidade, onde, pouco depois, Dennis poude realizar seu sonho de amor, ligando seu destino ao da formosa Jessica.

Constance Talmadge

(Continuação da pag. 14).

foram que passei, por esse facto, muitos dias de fome...

Um camarada a quem admiravamos muito, era John Bunny, um homenzarrão. Era o Emil Jannings de então. Representava papeis importantes e ganhava quarenta dollars por semana. Essa quantia, formidavel para aquella epocha, nos fazia morrer de inveja. Quando o augmentaram para duzentos dollars por semana, Bunny nos pareceu o maior homem do mundo. No emtanto, pouco tempo depois, Norma ganhava já cem mil dollars por anno.

Conhecemos, assim, o valor do dinheiro e quanto custa ganhal-o. E' uma sorte ter sido pobre, pois d'essa pobreza vem toda a satisfação da riqueza e a grande philosophia com a qual devemos acceital-a.

As férias de Clara

Continuação da pag. 17).

com tenacidade caracteristica dos homens de sua profissão.

Esse Turner, filho de um dos muitos multi-millionarios americanos, era tambem assiduo frequentador do *cabaret* onde Clara trabalhava e elle a admirava por sua graça, sua vivacidade e, talvez ainda mais, pela firmeza com que ella lhe havia até então repellido todos os galanteios.

Certa noite, por intermedio de seu secretario, Turner convida Clara a visitar sua vivenda de verão, um precioso chalet rodeado de maravilhosos jardins, situado na aristocratica Long Island.

Clara acceita; mas incerta sobre os verdadeiros propositos de Turner, impõe como condicção, que elle convide todas as demais moças do corpo de córos do *cabaret*.

Informado d'essa combinação, Gordon, que, seja dito de passagem, se fazia passar aos olhos de Clara por um homem de fortuna, apresenta-se de improviso na vivenda do millionario e tão opportunamente, que logra impedir, graças a um murro certeiro assestado ao appendice nasal de Turner, que elle leve a cabo os sordidos propositos com que convidára a gentil moça a visital-o.

Clara regressa á cidade, radiante de contentamento, por possuir um noivo, que reunia em si um tão grande numero de perfeições: jovem, sympathico, elegante, valente e... e ainda por cima millionario.

— Amar-me-hias egualmente se, em vez de rico como tu me consideras, eu fosse apenas um pobre empregado, que ganhasse uma ninharia de setenta e cinco dollars por semana? — ousa Gordon insinuar, tentando levantar um pouco a venda, que cobre os olhos de Clara.

— Sim, amar-te-hia egualmente ...mas felizmente, que não é essa tua situação! — responde ingemamente a moça.

Pouco depois, quando o automovel, chegando á cidade, entrou a percorrer os bairros mais pobres e consequentemente mais populosos, uma duvida começou a ennevoar os pensamentos da graciosa ruivinha, uma duvida, que já presagiava a tormenta, que se desencadeiou momentos depois, quando penetrando numa casa proxima.

— Vês? Este é o aposento, que aluguei para nelle construirmos nosso ninho de amor! Aqui ficará o quarto de dormir... alli a sala de jantar... alli a cozinha... — dizia timidamente Gordon, indicando cada uma das divisões e o fim a que pretendia destinal-as.

Mas bem se poderia elle ter dispensado de semelhante abundancia de pormenores! Demasiado conhecia Clara a topographia d'aquelle aposento, exactamente egual ao que ella habitava com seus pais, poucos andares acima! E dizer que tantos annos ella sonhára o casamento, com a idéa de que no dia em que elle lhe apparecesse, seu noivo a livraria de viver em semelhante bairro, em contacto com semelhante visinhança, em meio das rusgas, dos "disse que disse" que eram alli, a cada hora, o prato de todos os dias!

Mal poderiam as palavras dar ideia de como acabou assim, desapontadoramente para Clara, essa primeira parte das suas férias.

Logo depois de tão fervoroso enlevo, que cruel, que contristadora desillusão!

*

Antes porem, que chegasse ao fim da sua segunda semana de ferias, Clara, debrucando-se investigadoramente sobre sua propria consciencia, teve que reconhecer que, pobre fosse elle embora, amava Gordon de todo o coração. Mas onde encontral-o agora?

Desapontado egualmente com a impressão, que causára em Clara o futuro "ninho de amor" e a revelação de sua pobreza, Gordon desapparecera como se se houvesse sumido pelas entranhas da terra. Na companhia onde elle trabalhava, ninguem soube dar a Clara noticias do rapaz. Disseram-lhe sómente que o haviam despedido, porque elle ousára esmurrar o millionario Turner, um cliente em perspectiva para um seguro de um milhão de dollars!...

— E a culpada fui eu, eu só, porque o tratei tão mal! — dizia, desmanchando-se num rio de lagrymas, a linda e desventurada corista.

Resolvida a tudo, comtanto que não perdesse o homem a quem prendera o seu affecto, Clara assentou em valer-se de seus encantos e, mediante uma artimanha gentil, conseguiu que Turner subscrevesse a apolice de seguro, que permittiria a Gordon rehaver seu emprego.

A empreza era audaciosa e por certo eivada de difficuldades; mas como não ha obstaculo, por grande que seja, que o amor da mulher não vença, Clara, bem delineado seu plano, consegue afinal introduzir-se em casa de Turner, escalando uma janella, exactamente no momento em que o millionario aplana o caminho para o matrimonio, numa entrevista com a galante miss Witherspoon, uma moça da alta sociedade e com a sua futura sogra.

Sob a ameaça de um escandalo, Clara consegue afastar Turner de suas visitantes e logo o colhe na rêde tentadora de sua juventude.

Porem a casualidade, senão a fatalidade, senão ambas, reunem-se para complicar a situação, fazendo com que chegue Gordon, que alli havia ido, afim de dar uma satisfação a Turner. E elle surprehende Clara nos braços do ricaço.

Cégo de ira, desvairado por um ciume, que reluta em confessar a si mesmo, depressa esquecido do proposito, que alli o conduzira,

Moça chic usa
MAGIC

Unico preparado pharmaceutico que secca o suor dos sovaccos tirando ao mesmo tempo o mau cheiro natural do suor.
Unico garantido inoffensivo a saude pelos eminentes Drs Couto, Aloysio, Austregesilo, Werneck, Terra.

Vende-se nas pharmacias. Preço 7$000. (Dura seis mezes)
Pelo correio mais 2$000.
Pedidos e prospectos a Araujo Freitas & C.
Rua dos Ourives, 88. Rio.

Fio de Algodão, Linho e Seda
para Costuras, Bordados, Crochet, Tricôt e Rendas, etc.
Cadarço de Algodão
D·M·C
Marca da fabrica registrada

DOLLFUS-MIEG & Cie, Société anonyme
(Casa fundada em 1746)
MULHOUSE-BELFORT-PARIS

Representantes no Rio de Janeiro:
PEDRO ZERLINI & FILHO Ltd.
Rua Theophilo Ottoni Nº 174

Gordon intervem e põe termo á scena, que elle presume idyllica, assestando um novo murro no nariz de Turner, que cahe desaccordado.

E assim termina, tragicamente para Clara, o segundo periodo de suas férias!

♣

Na noite de sabbado de sua terceira semana de ferias, Clara estava dansando no *cabaret* com o coração confrangido e o pensamento posto no precipitado noivo, que não soubéra presentir o motivo de sua presença em casa de Turner, a altas horas da noite, numa attitude, que apparentemente a compromettia...

Ah! pudesse elle ter adivinhado que generoso impulso a levára aquella casa, a fizera acceitar os galanteios insoffridos e antipathicos de Turner! Mas os homens, os apaixonados, especialmente, são sempre assim, propensos a tirar conclusões irreflectidas, quando os espicaça o ciume!

E Clara está prestes a ter d'isso um exemplo ainda mais convincente, pois Gordon apparece no *cabaret* brandindo no ar um cheque que, entre crueis ironias entrega á apaixonada corista, dizendo-lhe, que elle representa sua commissão sobre o seguro que ella arrancou a Turner.

Clara tenta entrar em explicações, mas revoltado, Gordon desapparece por entre as filas de mezas, em risco de tombal-as e atropellar os que, alheios a tudo, assistem áquella scena, boquiabertos de espanto.

— James! James! — exclama Clara desvairada. Suas palavras não detêm, entretanto, o impeto do rapaz que, a esse tempo, já corre como um louco pela rua, subtrahindo-se a toda especie de explicações.

Clara não se dá, porem, por vencida. Vestida apenas com as leves gazes, que a recobrem, salta do palco ao salão e atravessa-o em direcção á porta, alcançando finalmente a via publica, onde seus gritos, seu desvario e o summario de seus trajes, chamam a attenção ao mesmo tempo dos transeuntes e dos policiaes de serviço.

— Prendam, prendam esse homem! — diz ella.

— Mas que foi que elle fez? — perguntam-lhe, intrigados, os agentes da ordem. — Não fez nada, mas eu preciso de fallar com elle!

E Clara, victoriosa afinal, põe sob os olhos de Gordon a carta, que acaba de receber da noiva de Turner, revelando ter sido ella quem obteve o seguro e assim innocentando de toda a culpa a ruivinha, que vê, finalmente, raiar uma restea de esperança no mar encapellado de seus amores.

E Gordon, reconhecendo jubilosamente o seu erro, abre os braços a Clara, cujas ferias têm, assim, ao cabo de tantas lagrymas, o mais feliz epilogo, que ella podia sonhar.

Ridi, Pagliaccio

(Continuação da pag. 10).

querer continuar em sua companhia, por causa da engeitadinha viveria para sempre junto d'elle.

Assim se passam quatorze annos. Simonetta, Simon e Tito sempre juntos. Mas um dia a trindade fica reduzida a um duetto. E' que Simon se vai embora, porque ainda agora, decorridos quatorze annos, vê com má vontade a presença de Simonetta em sua vida e na de Tito. Penalisado, Tito vê seu amigo retirar-se. Companheiro de tantos annos.

Resta-lhe porem o consolo da presença de Simonetta.

Mas um drama estava reservado á vida do bondoso "clown".

Ao ficar só com Simonetta, quando esta o consolava de seus pezares, Tito vê, com o coração oppresso, o que sempre quizera evitar: que Simonetta já era uma mulher, uma moça em pleno viço de seu frescor explendido de belleza e fascinação. Simonetta já era uma mulher... e quando o verificou, elle sentiu, no lampejo de um minuto máu, perverso, obrigado por uma força satanica animada em seu intimo, que amava Simonetta, com um amor, que a elle proprio causava lagrymas de vergonha!

Por isso, a existencia para Tito, passou a ser de tristezas, apenas.

Tinha um novo nome agora: Flick e era a alegria de toda Roma. Eram de grande exito suas noites nos grandes circos! Mas de animo cada vez mais abatido, Tito sentia apoderar-se de todo seu ser uma inconfessavel paixão, que o torturava a todos os momentos.

No gabinete de um grande medico, que, um dia, elle procurou para buscar consolo para seu mal, conheceu um rapaz jovem, que soffria de um mal totalmente diverso do seu. Emquanto elle, Tito, não podia reprimir as lagrymas, que seu soffrimento lhe causava, aquelle rapaz, o conde Luigi Ravelli, soffria continuos ataques de riso, productos da vida ociosa, de excessivos prazeres.

Mas ambos soffriam muito; ambos, por isso, sentiram-se attrahidos por uma sympathia, que os tornou amigos num momento.

Ri... palhaço!... E' teu destino rir...

Pouco depois apparece Simonetta; e a moça e Luigi recordaram, então, que já se conheciam de um breve idyllio, havia dous annos.

Feitos amigos, Simonetta, Tito e Luigi sentiam-se felizes com aquella amizade inesperada. Tito entretanto, não podia esquecer sua paixão occulta, emquanto Luigi sentia dia a dia augmentar seu amor por Simonetta e ella correspondia a esse affecto.

Loretta Young, no papel de *Simonetta*.

Buscando novamente a companhia de Simon, Tito pensava, agora, poder esquecer o máu desejo, que lampejára em seu intimo; mas assim mesmo, entre o reboar dos applausos, que ambos recebiam das platéas delirantes pela arte dos dous *clowns* Tito sentia o aguilhão d'aquelle amor inconfessavel.

Um dia, vendo que por um simples motivo, Simonetta repellira Luigi, Tito não se contem e confessa esse amor á moça. A surpreza d'esta não tem limites; mas, afinal, ella considera, na candidez esperançosa e illuminada de seu pai adoptivo, o desgosto que lhe causaria uma repulsa; e por isso, embora confrangendo o pro-

prio coração, consente em ser sua esposa.

Tito delira. Mostra-se jovial como nunca, no palco. E' feliz. Mas a felicidade de um palhaço quasi nunca vive senão nos momentos da inconsciencia burlesca, do palco e do tablado.

Ao voltar, uma noite, de scena, depois de seu sensacional numero *A travessia da morte*, Tito surprehende Luigi e Simonetta em doce enlevo. Simonetta não resistira á affeição, que sentia por Luigi. Amava-o. Como poderia ella ser de Tito, se seu coração de mulher pertencia a Luigi?

Só um sacrificio, uma renuncia á felicidade...

E pela felicidade de Tito, ella resolvera sacrificar-se. Mas Tito tudo presentiu, tudo conheceu, no semblante amargurado e infeliz de Simonetta. Não. Que Simonetta e Luigi fossem felizes. Elle voltaria, com todos os seus pensamentos, toda a sua alma, todo o seu coarção — para sua arte tão admirada. Ensaiaria, aquella noite, de um modo excepcional, a *Travessia da Morte*, que não fazia ha muito.

Eil-o com Simon no palco, só, para a experiencia. Manda que illuminem toda a sala de espectaculos. Em seus olhos ha um fulgor sinistro, denunciando a tragedia de seu intimo. Eil-o que sobe as escadas que o conduzem, perturbado e incerto.

Meio minuto depois, começa a descida ,perigosissima. Seu cerebro não resiste ao turbilhão; o choque da um cháos que se approxima, a explosão de um conflicto interior e eis que o corpo do palhaço tomba, em meio da trajectoria, sobre a terra fria do chão!

*

— E' Flick, deitado no chão.

— E' sim. Está fingindo que morreu... Que engraçado, hein?

Eram duas creanças, que fallavam, duas creanças que, da porta da caixa do theatro, ás occultas, procuraram vêr alguma cousa do espectaculo, do ultimo espectaculo de Tito...

O MARCHANTE

(Continuação da pag. 13).

Que ventura, que triumpho, exclamavam elles no dia seguinte no escriptorio...

Mas eis que pela porta surge um advogado, reclamando para seu constituinte dous terços da renda da peça, porquanto a mesma era um plagio de uma novella publicada na *Revista Moderna*, dous mezes antes!

Peter Jones justifica-se; comprára os direitos da peça a Joe Lehman, porem não sabia como este a obtivera. O advogado retira-se para voltar depois e eis que surge agora, Joe Lehman, enthusiasmado, pedindo a Peter Jones, que lhe venda a peça, que já soubera ter obtido grande exito.

Peter Jones, então (para ladrão, ladrão e meio), exige uma bôa offerta. O outro, enthusiasmado pela esposa, que queria ser "estrella," vai offerecendo; quinze mil dollares; vinte mil; trinta e cinco mil!

Cinco minutos depois, entra o outro socio, tambem com uma proposta, mas ridicula. Peter, então, lembra: que lhe dessem quarenta mil dollares os dous juntos.

O negocio foi feito. Com o o cheque, Peter e Mary retiram-se por uma porta... emquanto por uma outra, volta o advogado, feroz e implacavel.

*

Naquelle mesmo dia, á tarde numa egreja modesta, Peter Jones e Mary Martin estavam diante do momento solenne, do "enforcamento".

Quando o sacerdote, repetindo a ladainha de sempre, perguntou se havia alguem presente, que soubesse de alguma cousa, que pudesse impedir o casorio, uma senhora, que entrára precipitadamente no templo, exclamou:

— "Espere um pouco!"

Que surpreza! Quem seria, quem poderia ser?

Ora! Que ideia! Era a vovó

PÓ D'ARROZ, CREME, AGUA RAINHA DA HUNGRIA

Productos de **Belleza** mundialmente conhecidos e premiados com o **Grand Prix**, que gozam das sensacionaes propriedades magicas de **embellezar, rejuvenescer, eternizar** a mocidade!

PROCURE CONHECEL-OS

Peça catalogo e Estojo da **Grande Marca Rainha da Hungria** com 7 productos (7$) e transforme a sua pelle, em 3 dias, numa **Belleza** inconfundivel!

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. Rio Branco 134-1.º e rua 7 Setembro, 166. RIO.

Emquanto os dous piratas discutiam, Jones e Mary proseguiam em seu idyllio.

ELIMINAÇÃO DOS CRAVOS

Por meio do novo processo, que consiste no banho espumante á cutis do rosto, se eliminam os pontos de pigmento negro, a gordura e os largos poros, que destôam da formosura da cutis. E' esse um processo simples, agradavel, inoffensivo, verdadeiramente unico. Deitem em um vaso de agua quente uma tablette de stymol, substancia que se encontra em qualquer pharmacia. Uma vez que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, banhe-se o rosto com esse liquido.

Os pontos negros sahirão de seu logar para se juntarem á toalha, envergonhados; a gordura tambem desapparecerá e os poros ao contrahirem-se, deixarão de existir. O rosto ficará aformoseado, com uma pelle clara, lisa, suave e fresca. Para que este resultado, tão rapidamente obtido, se converta em definitivo, repitam-se algumas vezes, com intervallos de poucos dias, estas maravilhosas abluções com o liquido que se consegue dissolvendo stymol na agua.

— Suspendam — disse uma voz — quando o sacerdote ia pronunciar o *conjugo vobis*.

de Peter Jones! Soubera do exito do neto, lá em Trenton e viera ás pressas a New-York para vel-o e queria verificar, agora, se a noiva do neto era bonita, bem digna d'elle.

E depois de examinal-a declarou:

— "Está bem!"

Ora, é claro, que estava bem...

O homem que ri

(Continuação da pag. 25).

que ri, *tem a fantazia de convidal-o para uma entrevista de amor. E, embora seu coração pertença a Déa, Gwynplaine vai a essa entrevista, afim de verificar se, a despeito de sua deformação, pode inspirar amor a uma mulher.*

(CONCLUSÃO)

Gwynpaline foi recebido pela duqueza em seu boudoir, onde ella lhe fez a declaração da paixão violenta, que por elle sentia.

Nesta occasião tilinta a campainha escondida num dos paineis do boudoir, que era de facto um caminho occulto, por onde Josiana recebia communicações secretas.

Retirando o pergaminho, que ahi se encontrava, qual não foi seu espanto ao vêr, que era um bilhete da rainha communicando-lhe que, tendo apparecido o filho de lord Chancharlie, herdeiro da fortuna d'esse fidalgo, ella tinha que romper seu noivado com lord Dirry Moir e casar com esse herdeiro, sob pena de ficar privada dos bens de que até então tinha usofruido.

E a carta terminava dizendo, que o filho de lord Chancharlie era o palhaço conhecido pelo alcunha de *O Homem que ri*.

Academia Scientifica de Belleza

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida Rio Branco 154 1.º e Rua 7 de Setembro 166.
As mais luxuosas installações.

ESPINHAS? **Pontos pretos, rugas, double-menton,** verrugas, manchas, sardas, vermelhidões, vitilogo (manchas brancas da pelle) seios, varizes, bexigas, cicatrizes, pellos e todos os defeitos da pelle só desapparecem com os productos da **Academia Scientifica de Belleza.**

Experimente hoje mesmo os productos de toilette **Rainha da Hungria**, que em tres dias transformam a sua pelle numa belleza incomparavel. Estojo **Rainha da Hungria**, com 7 productos 7$000. Peça catalogo gratis.

Lendo essa carta, a duqueza Josiana comprehendeu a perfidia da rainha e teve um tão allucinado accesso de colera, que desatou a rir hystericamente.

Gwynplaine julgando, que a duqueza ria-se d'elle, afastou-se e voltou para a carriola, onde Déa, que já déra por sua ausencia, aguardava-o ansiosamente.

Então, comprehendendo, que sómente Déa pode fazel-o feliz, Gwynplaine não mais hesita em lhe declarar seu amor.

A linda céga fica radiante e os dous se quedam enlevados em seu idyllio.

Mas quando estavam os dous assim esquecidos do mundo nesse doce colloquio, appareceram na carriola dous emissarios da rainha com uma intimação, para que Gwynplaine se apresentasse na sala das torturas, afim de ser confrontado com o Dr. Hardequanone.

Desconfiando, de que o rapaz viesse a soffrer horrores, Ursus seguiu-o e ficou a sua espera.

Pouco depois, vendo sahir da prisão um esquife, Ursus, ignorando, que elle continha o corpo do Dr. Hardequanone, que succumbira ás torturas infligidas, suppoz que fosse o de Gwynplaine.

Regressou por isso á feira desesperado e procurou por todos os meios occultar a triste noticia a Déa. Para isso fingiu que o espectaculo se realizava como de costume. Recorrendo a sua habilidade como ventriloquo, imitou a voz de Gwynplaine e, auxiliado pelos demais companheiros de trabalho, fingiu que elle recebia os calorosos applausos de costume.

(Continúa no proximo numero)

A pobre moça ouvia desolada aquellas grosseiras insinuações.

O PHALOREIRO

(Continuação da pag. 27).

para cahir nos braços de seu amigo.

Luiza não cedeu; lutou, lutou, emquanto teve forças; mas tudo parecia estar perdido para ella... quando a barca passou ao largo e Ken, que ia ao pharol, dirigiu o fóco para sua casa.

A' luz branca do holophote, elle viu o que se passava.

Abandonando tudo atirou-se á agua e nadou até á margem, para chegar a sua casa e, arrombando a porta, enfrentar o miseravel, que abusára de sua confiança, castigando-o como merecia.

Lybiol

SILVA ARAUJO

PODEROSO ANTISEPTICO PARA HYGIENE E TOILETTE INTIMA DAS SENHORAS

Pouco habituado aos "brinquedos" do parque de diversões, Thomaz levava tombos sobre tombos.

O TRIUMPHO

(Continuação da pag. 21).

de batalha. Disse ao povo que, combateria sempre as grandes emprezas como a Cia. de sub-way, egoista e torpe; disse que daria sua assistencia aos humildes como Sloval, que soffria num leito de hospital, victima indefesa. E era uma carrada de photographias tomadas diariamente. Os photographos e reporters foram immediatamente entrevistar e senhora Sloval. Ouviram-a e do pouco que ella fallou, entre lagrymas, publicaram o que ella não disse, chegando até a arranjar uma photographia da Sra. Sloval rodeada por oito creancas chorando, quando a esposa de Sloval só tinha uma filha: a trefega Sophia.

E ahi está como Sloval, que antes, no "brouhaha" de New-York, era, por muito favor, um levissimo sussurro, tornou-se, de repente, uma personalidade de intenso rumor.

Mas, emquanto isso succedia, lá continuava o felizardo no hospital, muito bem installado. Nem a esposa nem a filha podiam visital-o. Os directores do jornal barulhento e o candidato a prefeito, tinham um medo que os pellava, de que Sloval, bronco como era, puzesse a perder o plano d'elles, confessando, que só tivera um pequenissimo ferimento na cabeça.

No dia em que resolvessem dar alta a Sloval haveria uma grande passeata de homenagem ao "heroe sacrificado pelo egoismo da Companhia de sub-way" e junto a qual haveria propaganda maior da candidatura Howard. Nesse dia "aparelharam" muito bem o pobre Sloval, munindo-o até de muletas, — a elle, que nada soffrera nas pernas nem nos pés.

A passeata foi um colosso. Até discursos, com gagueira, elle fez. Um successo! E depois, já em sua casa, recebeu uma offerta da Companhia de que fôra empregado: um cheque de dez mil dollars, como indemnisação. Mas Sloval recusou... emquanto sua esposa tremia, com medo de que o marido puzesse a perder aquella opportunidade de fazerem sua independencia. E ella, que tanto desejava ir viver no campo entre vaquinhas e bezerros!

Pois tão tolo foi o Sloval, que recusou mesmo. E quinze dias depois, porque já agora Howard era o prefeito e não o conhecia mais, Sloval era um desconhecido para todo o mundo, elle, que fôra tão celebre!

O remedio, portanto, não era outro senão acceitar o noivo de Sophia na familia. E foi assim...

Mas a velha Sloval tinha sorte: sabem quem era o noivo da pequena? Nada menos que o filho de um grande creador de vaccas! O sonho dourado d'ella, de viver numa fazenda, ia se tornar realidade.

E é assim, que acaba a historia: Os dous velhotes entre vaquinhas e bezerros e Sophia casadinha e feliz.

Horas prohibidas

(Continuação da pag. 9).

tos desencontrados. Não! Era impossivel, que Marie de Floriet fosse uma indigna. Aquellas lagrymas, sim, aquellas lagrymas, que brilhavam nos seus olhos, quando elle lhe fallára, quando apanhada em flagrante...

Ah! agora, comprehendia, que aquillo tudo fôra um sacrificio.

E Miguel IV voltou, e entrando no hotel arrebatou Marie de Floriet, que se debatia por sua dignidade, nas mãos dos militares. E decidiu abandonar o paiz com a mulher do seu coração.

Renunciaria ao throno. Mas na fronteira não o deixaram passar. Mandou que o carro voltasse, disposto a declarar á côrte desejar a mulher que elle amava, sobre todas as cousas.

Mas não fôra necessario. No

Thomaz notava que sua filha estava se tornando "melindrosa".

SAL Simplesmente triturado ou moido não está isento de impurezas.
PREFIRAM Sal Beneficiado Especial para Culinaria.

PEREIRA CARNEIRO & Cia. Ltd.
AVENIDA RIO BRANCO N. 110
RIO DE JANEIRO

A IMPERMEABILISADORA
ALFAYA & COMP.
Vende brim, Kaki, Gabardine etc. impermeabilisado e
Impermeabilisa Seda, Velludo, Lã, Algodão e qualquer outro tecido, antes ou depois de ser confeccionado.
RUA DOS ARCOS 13 Telephone Central 4384
RIO DE JANEIRO

As fazendas por nós impermeabilisadas impedem a penetração da agua e da humidade, sem o menor prejuizo para a saude porque conservam inteiramente a porosidade primitiva permittindo o arejamento e a transpiração, podendo ser lavadas, dobradas, passadas a ferro, costuradas e sujeitas a qualquer temperatura quente ou fria, sem perder a impermeabilisação.
Não altera as côres nem prejudica os tecidos, sendo essa impermeabilisação tão duravel como a fazenda.

palacio esperavam-n'o em festas.

A princeza Ena, a futura consorte de Miguel IV, renunciára ao noivado, vendo que não merecia sua affeição. E todo o povo do reino da Balanka, por sua vez, achára de bom alvitre consentir que seu rei desposasse Marie de Floriet, que, se não era de sangue azul, era — e nisso estava tudo — o verdadeiro amor de Miguel IV.

TARZAN

(Continuação da pag. 6).

monia será a do nosso enlace. Danse! Do contrario mandarei que os sacerdotes realizem esse enlace agora mesmo!

Com a outra mão, Black John, fez um signal aos musicos. Irrompeu então um ruido ensurdecedor, produzido pelos curiosos instrumentos indigenas e o bater das lanças dos guerreiros em compasso infernal.

Black Jonh postou-se no centro do grupo, composto de descendentes de uma tripulação de piratas, que desde varias gerações estavam installados na matta e por seu cruzamento com os indigenas tinham acabado por ficar assimilados aos selvagens, formando uma d'essas povoações, que os geographos chamam de "perdida". John, por sua vez, era o filho perdulario de uma familia de fidalgos da Velha Albion, que por seu tino superior e sua astucia obtivera uma ascendencia sobre a tribu, sendo considerado por elles um mestre das sciencias occultas.

— Tarzan e os simios, que o rodeiam, estão roubando o nosso gado — vociferou John. — Elles destroem nossas culturas. E' preciso exterminal-os.

Disse estas ultimas palavras com maior força, como se fosse bastante elevar a voz para aniquilal-os.

Tendo Mary Trevor, a delicada, formosa e altiva moça norte-americana ainda segura pelos pulsos, Black John continuou sua arenga, incitando os habitantes da aldeia contra Tarzan. Deteve-se em frente de uma pedra lisa; apanhou uma braza do fogo do conselho e aproximou-a de uma pilhasinha negra, que estava sobre a pedra. Produziu-se um clarão acompanhado por uma alta columna de fumaça. Era o truc empregado por Black John para impressionar os ouvintes e consistia apenas de um pouco de polvora o que deitava fogo.

Isto vai atemorizar Tarzan.

servindo de praga contra elle e os seus. Agora não ousará mais aproximar-se de nós! — gritou John.

Seguiu-se a essas palavras, o ruidoso rufar dos tambores, um tocar barbaro dos instrumentos de musica, o choque das lanças de combate e os canticos exoticos d'esse povo selvagem.

Com um empuxão mais forte nos pulsos de Mary, quasi deslocando-os, Black disse-lhe ao ouvido:

— Agora, danse! Que vejam meu poder sobre a deusa branca, que vai obter os favores dos deuses das selvas! Danse como nunca dansou! Danse de corpo e alma!

Mary viu-se de repente lançada no meio d'aquella reunião selvagem e d'aquella musica frenetica. Nessa fracção de segundo, veiu-lhe á mente que a dansa seria o menor dos males, que poderia sobrevir, dando-lhe treguas ao menos por vinte e quatro horas, durante as quaes muita cousa poderia acontecer.

Impellida pela brutalidade de Black John, Mary equilibrou-se na ponta de um pé, piruetou e iniciou uma dansa, que era uma reproducção das da edade de pedra, mesclada com as poses das que hoje apparecem nos cabarets de S. Francisco da California e mais os meneios dos escravos, quando aprisionados pelos brancos, relembrando sua origem africana.

Enlevados, os indigenas não perdiam um só movimento da "deusa branca".

No coração da floresta impenetravel, que nem os olhares de Mary conseguiam penetrar, nem o echo da praga podia alcançar, empoleirado nos galhos de uma grande arvore estava um homem. Tinha nas mãos uma corda de cipós trançados e pendente do pescoço uma valiosa faca de caça.

Deu um laço na corda, que, atirada, ficou segura num galho de outra arvore e com um impulso foi ao chão. Então, com um movimento habil, desfez o laço, soltando de novo a corda.

Garboso e firme mantinha-se erecto e todos seus musculos denotavam extraordinaria flexibilidade, emquanto enrolava a corda, que atirou ao hombro. Esse homem era Tarzan.

De repente, acima dos innumeros ruidos das selvas, ouviu qualquer cousa, que o impelliu atravez da floresta. Era *Teeka*, a robusta macaca, que gritava por soccorro. Afastando o matto, chegou a tempo de vêr Taug, um possante macaco, estranho áquellas paragens, que tentava raptar *Teeka*. Esta tiritava de susto.

Com rapidez vertiginosa, Tarzan collocou-se entre os dous animaes e enfrentando Taug, exclamou: "Volta para o logar de onde vieste: Sou eu, Tarzan, quem o ordena!

Estendeu o braço num gesto imperioso, mas o que mais impunha era a voz, que embora de homem, não tinha linguagem, não era humana. Pois elle fallava a lingua de todos os animaes, conhecia-lhes os nomes e comprehendia seus pezares, assim como os perigos, que incorriam, prestando-lhes soccorro, brincando, vivendo e soffrendo com elles.

Assim era Tarzan, o Poderoso Rei das Selvas!

CAPITULO II

RAINHA DE SUA ESPECIE

No coração das selvas, cheias de mysterio e de fascinação, onde Tantor, o elephante, principe dos animaes, trombeteava para a manada, onde Numa, o leão, rei da sua especie, caçava o homem e o bicho, onde vivia o rhinoceronte, o crocodilo e em maior numero os simios, que possuiam em astucia o que lhes faltava em força, tinham apparecido annos antes dous exploradores intrepidos, lord e lady Greystoke.

Delirando com a malaria, os dous agitavam-se em seus leitos, na cabana por elles mesmos construida. Apezar de serem scientistas e munidos contra os perigos da floresta, a sciencia d'aquelles tempos lhes havia fornecido fraca protecção contra os perigos dos entes invisiveis, os microbios.

Num momento de silencio, Rosalia arrastou-se de seu leito para ir junto ao do esposo, que estava tão quieto e segurar-lhe na mão. Estava gelida. Deixou-a cahir e encaminhou-se tropeçante para o berço, em que dormia o pequeno Edward, o filhinho, que nascera durante a expedição. Com uma prece nos labios, ella, por sua vez, abateu-se no solo, augmentando de mais um o numero das victimas brancas na conquista dos tropicos.

Por sua vez, *Toka*, a simia, acabava de ser victima de uma tragedia na matta. Sua prole fôra colhida pela parca. *Toka*, inconsolavel, vagando a esmo, ouviu de repente um grito lancinante e gemidos, que vinham de uma habitação extranha em meio da selva. Não era voz de filhote de macaco. Era, porem, de algum animal muito egual e era o vagido da fome.

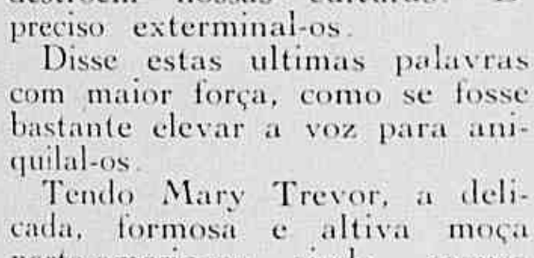
Toka deu um salto, espiou e entrou. O que viu commoveu-lhe o coração ferido de mãi. Apanhou a criança, acariciou-a e aconchegou-a ao peito. E como não houvesse quem lh'o impedisse carregou o pequeno sêr humano. O filho adoptivo de *Toka* fez-se menino e, embora, fosse amigo de todos os animaes, elles sabiam que pertencia a uma raça differente. A' medida que se tornava homem, foi colhendo conhecimentos rudimentares de sua gente pelos livros illustrados encontrados na cabana em que tinham estado seus pais, herdando tambem a faca lindamente gravada do fallecido sportman, que era seu pai. Pouco a pouco, os habitantes da selva convenceram-se de que elle era superior a todos em pensamento e astucia. E acceitaram Tarzan, o Poderoso, filho adoptivo de *Toka* como seu rei.

Eram raras as vezes em que este titulo lhe fôra disputado, a não ser por Numa, a quem elle parecia um inimigo hereditario. Foi por essa razão, que Tarzan deu uma risada quando, intervindo para proteger *Teeka*, Taug exclamou:

— Fiz a minha escolha e não ha quem ouse contrariar-me!

Não tardou, que a risada de Tarzan se convertesse em colera. Era um desafio ao seu poderio e elle não podia deixar de repellil-o.

(*Continúa no proximo numero*).



Fóra as drogas pharmaceuticas!
Um doutor dizer ouvi:
Em virtudes therapeuticas
Viva a *Agua de Lambary!*

Revista da Semana

A MAIS IMPORTANTE E LUXUOSA REVISTA
: : SEMANAL DA AMERICA DO SUL : :

ASSIGNATURAS:

52 NUMEROS (BRASIL)

UM ANNO 50$000.... 6 MEZES.... 26$000

REGISTRADA

UM ANNO.... 71$000 6 MEZES.... 36$000

ESTRANGEIRO

UM ANNO.... 65$000 6 MEZES.... 35$000

REGISTRADA

UM ANNO.... 97$000 6 MEZES.... 49$000

NUMERO AVULSO PARA O BRASIL, 1$200; ATRAZADO, 1$500

A REVISTA DA SEMANA, que é a publicação illustrada hebdomadaria de maior tiragem do Brasil, offerece aos seus annunciantes uma ampla e attrahente secção de : : annuncios, entremeada de gravuras e de texto. : :

RUA BUENOS AIRES, 103

RIO DE JANEIRO